REVISTA DE ARTE E TURISMO

PANORAMA

*número 8 * ano 1 * 1942*

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
CAPITAL REALIZADO
22.000.000$00
★
FUNDO DE RESERVA
48.800.000$00
★
DEPÓSITOS
Á ORDEM
1.022.513.671$57
A PRAZO
68.178.797$07
1.090.692.468$64
FILIAL BRAGA
FILIAL PORTO
AGª S. JOÃO DA MADEIRA
AGª MANGUALDE
AGª GOVEIA
FILIAL COIMBRA
AGª FIGUEIRÓ DOS VINHOS
FILIAL COVILHÃ
AGª TORTOZENDO
AGª ABRANTES
AGª TORRES NOVAS
AGª TORRES VEDRAS
AGª SANTAREM
SÉDE LISBÔA
AGª ESTORIL
DEPENDENCIAS URBANAS
ALCANTARA
ALMIRANTE REIS
CONDE BARÃO
POÇO DO BISPO
FILIAL FARO
Publicidade PANORAMA

Galiza-Portugal

por

Consiglieri Sá Pereira

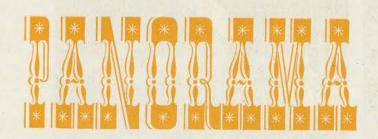
HÁ dez anos, talvez... Eu fôra encorporado, com outros colegas, numa excursão de fim de semana. Fazia-se jornalismo de impressões. Mas quando o combóio, suando vapor de água e pingando a chuva miúdinha característica do vale do Minho, estacou estridente, encontrámo-nos na foz do rumoroso rio, em Caminha. Separava-nos de La Guardia uma cortina de água — o rio. E uma outra, mais transparente, feita de chuviscos miúdos, dourados de sol — o hálito da invernia, a-pesar-de o calendário só haver desfolhado as primeiras folhinhas de Outubro.

As sereias dos «gasolinas» chamavam-nos, metálicas e breves. Depois, desdobrou-se o litoral afiligranado das rias galegas, debruadas de bosques esmeraldinos e tendo, como barba alvíssima de avô velhinho, o eterno espumejar da vaga. Havia mulheres em todo o percurso — jovens criaturas de tipo celta: olhos azues; pele onde o mármore alvíssimo é realçado pelas veias azulengas; cabelos de oiro; cinturas gentilíssimas.

Das escadarias dos «chalets» de indianos ou das cabanas humildes dos que haviam ficado na terra — pendiam, como os cachos de uvas, entremostrando-se por entre as florinhas multicores e as folhagens de trepadeiras, cachos de petizes...

Vigo, cidade recente, presenteia-nos com os mimos do seu americanismo. O «indiano», na Galiza, como o «brasileiro», no Minho, representa e explica tôda a prosperidade das suas quatro províncias: Orense e Lugo, mais metidas adentro, cinturadas de pedruscos montanhosos; Pontevedra e

(Continua)

A Administração da Revista

★ Vê-se forçada, por virtude das circunstâncias actuais, a fazer sair a revista de dois em dois meses. O próximo número será publicado no mês de Junho.

★ Tencionando reeditar, brevemente, os números 2, 3 e 4—já de há muito esgotados—pede a tôdas as pessoas que desejem adquirir algum dêsses números, que lhe enviem, quanto antes, o seu pedido, a-fim-de se poder calcular as tiragens a fazer.

O PREÇO DE CADA EXEMPLAR DOS NÚMEROS A REEDITAR SERÁ DE DEZ ESC.

Corunha, rasgadas por cinco rias — que os galegos dizem, na sua fé ingénua, serem a marca da mão de Deus — abertas em litorais recortados de portos.

Mas, remoído de saüdades, desejei fazer o habitual caminho de montanha que leva a Tuy. Ali vivera anos e perdurava no meu espírito a impressão nostálgica daquele enclave medieval, cuja eterna paz o ronquido das camionetas quebrava e cujas doces sombras a electricidade dissolvera.

Acidentado e pitoresco, êsse caminho é diverso de mil atalhos e veredas, apresentando-nos, porém, de coração aberto, a vida de aldeia. Pródiga em bosques, a ria de Pontevedra está sempre vestida, em suas faldas, de esmeralda. Mas o verdejar incessante dos pinheirais, dos castanheiros, dos nobres olmos, dos poéticos salgueiros — decresce um tanto no decorrer do estio. Outubro à porta, é vento fresco, chuva nova e castanha macia, encerrada em aveludado estojo, no monte. Aquela era a época e valia correr o risco de uma constipação só para contemplar, na sua vital intimidade, as festas dos montanheses.

Poucos quilómetros andados, e, a despeito da pertinaz chuvinha ou talvez em louvor a ela, ouvimos a estrangulante melancolia das gaitas de foles. Perde-se na noite dos tempos a origem do céltico instrumento. Mas o seu gemido lastimoso, por entre o fogaréu resinoso em que o montanhês abre as primeiras castanhas, mais os cantares e bailados em coros graves e compenetrados, acorda no distanciado galego de Buenos Aires ou da Havana o eco saüdoso da pátria.

Ouve-o sempre, em pertinaz amanho de recordações e, quando o duro esfôrço é coroado de êxito, regressa à sua aldeia, forçosamente a ela, paga por todo o preço um pedaço de terra, ergue com tosco granito as paredes da sua casa e tapa as fendas com alcatrão. Por fim, senta-se à porta e acende o cachimbo, do qual fica eternamente a desprender-se o fumo de «picado» da «tabacalera».

Daquela feita, supreendi a festa na sua mais pura expressão. Quatro casinhas orlavam a sebe por onde me adentrei. Umas bandeirolas em papéis de côres pegadas a barbantes com resina do monte; algumas pilhas de foguetões que estalavam como espantos nos céus e se desprendiam, ritualmente, de minuto a minuto; e, a um canto da praça-caminho, pois o povoado se resumia àquilo, pimpava o negro quanto obeso pipo de vinho verde.

Os velhos fumavam a cachimbada eterna. As mulheres olhavam os filhos, netos e, em muitos casos, bisnetos. Entretanto, os moços batiam a compasso os grossos sapatões cardados, muito sérios, vestidos de opulentos fatos de bombazina azulenga. E elas, noivas ou prestes a noivar, riam-se, mostrando as belas e fortes dentaduras, enquanto davam a volta de face ao «rapaz». E sempre os gaiteiros a soprar nos seus instrumentos fantásticas melodias — subordinando-se, apenas, ao motivo, triste ou alegre, da festa. A alpestre cortezia dos montanheses logo se manifestou ao ver-me. Com declinar uns quantos nomes de pessoas conhecidas de Tuy, aquela gente fez-me comer do seu polvo ador-

nado de tronchudas couves, batatas cozidas e outras primícias dos hortos, e só não bebi do transparente vinho verde porque o não podia fazer, há bastantes anos já...

Ao entardecer, tive de aceitar guias. Eu conhecia o caminho, mas êles teimaram:

— Ramón — disse o mais velho — vais com Pepe e Isidro levar êste senhor a Tuy e, ali, só o deixarão em casa de Dom Paco Baquero.

— Sim, avô!

— Sim, pai!

Os três contavam a mesma idade. Maravilhas da longevidade e farta prole, características do povo galego!

Escurecia e, em tôda aquela cortina de serra, os foguetões erguiam-se, incessantes, a desafiar com as explosões surdas e os lampejos dos detonadores, a tormenta de águas. Embrulhara-me, ainda mais, na minha gabardine. E êles, multiplicando-se em explicações, contavam-me:

— Há quinze dias já que não chovia! Calcule... Os pastios estavam amarelentos e os bosques e pinheirais não davam madeira, lenha ou castanhas. Veja bem, senhor! Era um ano de fome! Ontem começou a chuva e, agora, já não deve despegar nestes dois meses mais próximos. Talvez lá para o Natal os frios a cortem um pouco. Mas depois voltará, mais forte, em Janeiro, Fevereiro, pois os milhos novos precisam de crescer, as batatas e as madeiras dêstes pinheiros, de ganhar corpo... Sem contar as pinhas, quási por formar.

— E na veiga de Porrinho?... — interroguei.

— Êsses são os mais felizes! Têm tôdas as águas que se perdem pelas fendas dos nossos montes e mais as da veiga e, ainda as da ria de Pontevedra, a melhor de águas em tôda a Galiza...

Calei-me. Nada há de mais perigoso, na Galiza, que falar de temas municipais! Quantas vezes a fronteira de um «ayuntamiento» está por detrás da parede da casa vizinha ou, até, no corte de uma rua a outra?...

Além de que, a prosseguir a conversa, os meus três interlocutores, de-certo provindos de municípios convizinhos mas de forais opostos em interesses, se recordariam das esbatidas rivalidades. E eu não desejava ser o anjo negro da festa das montanhas.

Felizmente, já o severo, o gótico perfil da catedral-fortaleza de Tuy se recortava no pluvioso horizonte. Minutos decorridos, os meus guias entregavam-me a D. Paco Baquero, homem bom da capital galega do Minho, e regressavam, corre que corre, para a sua romaria.

— Que feliz milagre o fez cair do céu? — preguntou-me, sempre sorridente, o meu hospedeiro.

— Ver Tuy, os amigos e os conhecidos.

E começámos uma das nossas intermináveis conversas de outrora — de 1924! — quando nos sobrava mocidade e explodíamos entusiasmos.

Amigos como eramos...

¿Não é verdade, minhotos e galegos ribeirinhos do rio confraternal? Se aquilo não é rio nem fronteira divisória, antes eterno abraço de povos enamorados e respeitadores de si próprios!...

GARGOYLE
Mobiloil
SOCONY-VACUUM
POUPE GASOLINA POR MEIO
DA LUBRIFICAÇÃO RACIONAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DA ROSA, 277, 2.º TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO MENSAL DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 8 ★ ABRIL, 1942 ★ VOLUME 2.º

CAPA DE: BERNARDO MARQUES. — DESENHOS DE: MILLY POSSOZ, ALMADA, BERNARDO MARQUES, JORGE BARRADAS, J. MATOS CHAVES E PAULO FERREIRA. — FOTOGRAFIAS DE: ANTÓNIO PASSAPORTE, A. DE MATTOS, BELEZA, BENOLIEL (PAI), CASIMIRO VINAGRE, HORÁCIO NOVAES, MANFREDO, MÁRIO NOVAES, RAUL REIS e TOM.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

PREÇO: 5$00

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

por

Germana Braz de Oliveira

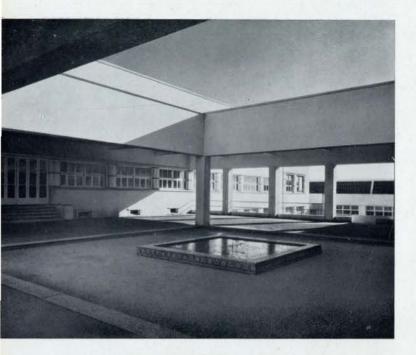
O Instituto Superior Técnico, de Lisboa, ao ser visto de qualquer das avenidas que o enquadram, dá imediatamente uma impressão de grandiosidade, tão vasta é a área em que se encontram espalhadas as suas instalações, de linhas sóbrias, com janelas muito altas e largas, a indicar que a luz do sol entra a jorros a iluminar tudo. A aparência exterior agrada pela harmonia simples do conjunto, onde cada pavilhão, valendo por si próprio, não deixa de se integrar no aspecto geral do plano das edificações.

Tudo obedeceu à necessidade de construir uma escola onde nada faltasse, onde os alunos pudessem dispôr de tôdas as facilidades para o bom aproveitamento dos estudos. O Estado Português, numa alta e clara visão de que o progresso e o futuro dependem, em grande parte, das modernas realizações industriais e de engenharia, resolveu dar sede condigna a essa escola superior, que contava honrosos pergaminhos científicos, mas cujas instalações se haviam tornado deficientes.

Votada a verba, constituíu-se uma comissão administrativa, presidida pelo engenheiro Duarte Pacheco — ao tempo director do Instituto — que encarregou o arquitecto Pardal Monteiro de apresentar o projecto, fornecendo-lhe tôdas as indicações que a experiência pedagógica dizia necessárias.

Era preciso atender ao maior ou menor desenvolvimento de cada uma das especialidades e dotá-las com aulas, laboratórios, museus e oficinas, indispensáveis para o bom aproveitamento das classes, dando-lhes instalações à altura da sua respectiva importância e atendendo, ainda, ao seu futuro desenvolvimento.

Pensou-se, também, na conveniência de o aluno encontrar na escola uma atmosfera acolhedora e distracções que preencham o tempo não absorvido pelos livros, provado como está que a alegre e sã camaradagem, facilitada pela prática dos desportos, é um factor excelente para a sua formação moral e física. E fez-se, então, uma coisa nova em Portugal: mandou-se construir um edifício especial para Associação Escolar dos Estudantes — reünindo cantina, assistência médica e os melhores passatempos próprios da mocidade.

O projecto foi feito após aturados e conscienciosos estudos. A construção iniciou-se e foi seguindo. Os pavilhões surgiram. Espaços ajardinados, terraços, esplanadas empedradas foram tomando vulto, gradualmente. Numa visão feliz da realização, já vagamente projectada, da Alameda D. Afonso Henriques,

escolheu-se êsse lado para entrada principal dos edifícios. Construíu-se uma escadaria monumental na Avenida Manuel da Maia, mesmo em frente dessa larguíssima artéria, e todo o plano arquitectónico obedeceu à escolha feita.

No entanto, para se fazer uma idéia do trabalho realizado, torna-se indispensável entrar lá dentro — e ver.

Penetrando pela porta do lado da Avenida Rovisco Pais, passa-se pelo Pavilhão de Minas e, logo a seguir, pelo de Engenharia Químico-Industrial, para se chegar ao Pavilhão Central, de cuja entrada se avista quási todo o conjunto.

Do lado oposto aos dois edifícios já indicados, encontram-se o da Engenharia Mecânica e o da Electro-técnica. Em frente, um longo empedrado à portuguesa, ladeado de jardins, conduz à entrada principal e aos pavilhões da Associação dos Estudantes — o Gimnásio — e ao das Oficinas.

Ao longe vê-se, em construção, a famosa fonte luminosa que faz parte da Alameda D. Afonso Henriques. Será um magnificente fundo para tão feliz perspectiva.

Entrando no vestíbulo, o nosso olhar sente-se atraído para os pilares que o rodeiam: a impressão é de novidade. São de mármore, de um vermelho rosado em vários tons. Sabemos, depois, tratar-se de brechas do Algarve, calcários preciosos, pela primeira vez empregados em efeitos arquitectónicos. Passa-se o guarda-vento e a surprêsa dá lugar a um sentimento de admiração. O átrio largo, imponente recinto rodeado, nos seus dois pisos, por galerias, oferece um aspecto de verdadeira beleza. A tôda a volta surgem altos e fortes pilares de mármore pulido, de discreta tonalidade. São brechas da Estremadura, em que se misturam, formando caprichoso mosaico, os mais variados tons de côr castanha, passando pelo «beige» e atingindo quási o branco, em laivos como que de embrechados de surpreendente fantasia, em contraste com o mármore claro do pavimento.

No Pavilhão Central, onde pátios interiores ajardinados dão nota alegre, estão instalados todos os serviços da Direcção, Administração e Secretaria, cinco grandes anfiteatros de aulas teóricas, vestiário dos alunos, aulas práticas, etc. — tudo com sobriedade e bom gôsto — e, no 2.º piso, a grande aula de Desenho Geral, com 50 metros de comprimento por 8,5 de largo, «atelier» de luz maravilhosa, como melhor seria difícil de idealizar.

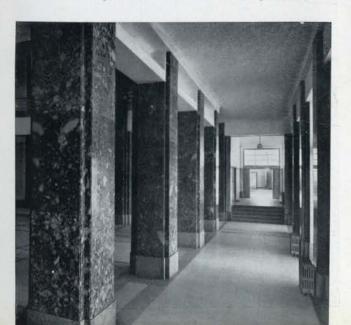
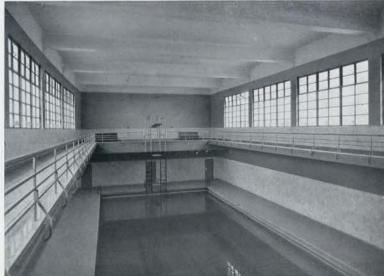
Entramos na Biblioteca. Tem uma vasta sala de revistas e outra, magnífica, de leitura, onde os alunos e qualquer estudioso encontram à sua disposição os 16.000 volumes que a compõem. Livros na sua totalidade científicos ou técnicos, de autores de tôdas as nacionalidades. Algumas obras antigas. Mas a Biblioteca acompanha os progressos da ciência e, à medida que novos horizontes se vão abrindo, o Instituto trata de enriquecê-la, a-fim-de que os professores e os discípulos encontrem o que desejem consultar.

Nos outros pavilhões também se pode considerar modelar o que se fez. No de Engenharia Químico-industrial vemos, no laboratório de Química Geral e Inorgânica, mais de quarenta alunos de uma turma em trabalhos práticos. Batas brancas, cabeças inclinadas a seguir com atenção as experiências, cada qual com sua instalação separada, os trabalhos decorrem sem confusão nem embaraços. Estava ali uma prova da utilidade da excelência das instalações.

UMA ESCOLA ONDE NADA FALTA

Noutras secções, os museus de Mineralogia *(Museu Bensaúde)*, o de Geologia, o de Física *(Museu Benevides)*, o de Minas e o de Engenharia Civil (ainda em organização) constituem outros tantos documentos de quanto uma boa apresentação valoriza, pedagògicamente, as colecções. Passando às oficinas, a serralharia (com os seus tornos e forjas) a secção de instrumentos de precisão e a carpintaria são anexos interessantíssimos.

Pela sua importância, não devemos esquecer o Pavilhão da Associação dos Estudantes, onde o gimnásio mede 40 metros por 18 de largura, o salão de jogos 40 de fundo e a piscina — coberta — com 25 metros por 11, se impõe pelo requintado esmêro que presidiu à sua estrutura.

Fora, no terreno próximo, fica o campo de jogos, com um «rink» de patinagem, «court» de «tennis», campo de «basket-ball», etc. Tudo para uso dos alunos. Para completar o plano

das edificações do Instituto Superior Técnico, falta ainda construir o laboratório de Hidráulica e alguns outros.

O que já se encontra concluído, dizem os técnicos constituir um exemplo de sã e esclarecida administração. Dentro da verba orçamentada e com a constante preocupação de se aproveitar o mais possível materiais portugueses, soube-se administrar tão bem, que se conseguiu realizar tudo o que está feito por forma tal que a obra marca pelo seu valor arquitectónico e pedagógico, constituindo, para os que lhe deram o seu esfôrço, uma grande e consoladora compensação do trabalho dispendido.

Exposição do Livro Português no Rio de Janeiro

Foi a «primeira flor nascida do acôrdo cultural» — afirmou António Ferro, no discurso inaugural dêste grande empreendimento, sem dúvida dos de maior projecção na obra de intercâmbio luso-brasileiro dos últimos tempos.

O Brasil está habituado a presencear acontecimentos culturais de larga envergadura e ainda não haviam passado muitas semanas que o Rio de Janeiro assistira à Exposição do livro norte-americano e à do livro britânico. Pois, mesmo assim, a Exposição do Livro Português constituiu uma surprêsa, bem lisonjeira para nós. Nunca no Brasil um empreendimento desta espécie teve tão caloroso acolhimento: na imprensa, nos meios intelectuais, nos meios editoriais. Houve livreiros de Estados afastados da capital Federal que se deslocaram de avião ao Rio, para visitarem a Exposição do Livro Português e fazerem largas encomendas.

O momento foi, de facto, o mais oportuno; a realização — que muito ficou a dever ao espírito moderno, empreendedor de Sousa Pinto — das mais felizes; os resultados, os mais animadores. Agora, o que é preciso é continuar, é que os livreiros portugueses não deixem perder êste instante único — nem de todos devidamente compreendido — correspondendo ao interêsse com que os seus colegas brasileiros receberam a iniciativa que, pela sua importância e significação, teve o patrocínio bem merecido do Secretariado da Propaganda Nacional e do Departamento de Imprensa e Propaganda do Brasil.

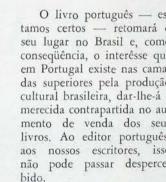
Isto, quanto ao aspecto material do empreendimento. Quanto ao aspecto cultural, deve dizer-se que teve o mais alto alcance. A série de brilhantes conferências realizadas no recinto da Exposição — o majestoso átrio da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cujo Director, o Dr. Rodolfo Garcia, foi um dos mais entusiásticos animadores dessa elevadíssima emprêsa; a qualidade e a quantidade de visitantes; a série de observações feitas, de consultas, de encomendas, tudo isso mostra, de modo inequívoco, a transcendência do acontecimento e prova que êle marcou, decisivamente, nas relações culturais entre Portugal e Brasil.

É uma verdade que temos verificado que os brasileiros se interessam verdadeiramente pela nossa cultura; que os cientistas e os historiadores do país irmão desejam um íntimo contacto com os seus confrades portugueses. — Por que não ir ao encontro dessas correntes que o acontecimento sem par na nossa História nos últimos lustros da vida nacional — as Comemorações Centenárias — mais engrossou?

Bem evidente é que uma colaboração estreita entre historiadores e investigadores dos dois países tornaria claros certos casos ainda obscuros da história que nos é comum. Casos pouco claros, que a má fé de alguns historiadores pouco escrupulosos tem tentado denegrir, contribuindo para a má compreensão de certos factos na obra colonizadora dos portugueses, procurando desprestigiar-nos.

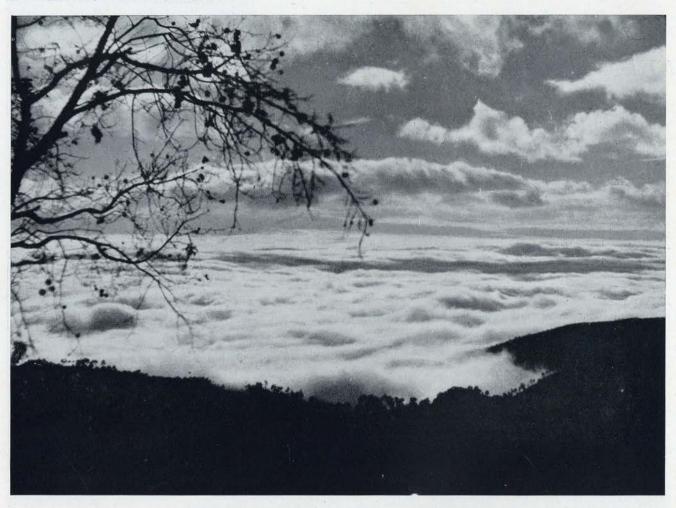
E só há um meio de lhes mostrar a sem-razão, só há uma forma de conseguir que as novas gerações brasileiras mais e melhor nos admirem, nos respeitem, sejam gratas ao passado que às duas Pátrias é comum, ao nosso denodado esfôrço. Essa é pôr bem em relêvo a nossa obra, as nossas figuras, os nossos maiores. Tornar clara a nossa História e claros os nossos actos, o alto sentido que animou os nossos grandes Homens do passado. Isso, só uma colaboração cada vez mais íntima entre os intelectuais portugueses e brasileiros pode conseguir.

Para se atingir essa finalidade, é incontestável que a Exposição do Livro Português, com aquela seqüência de factos que temos razão de esperar de quem apresentou tão eloqüentes provas de inteligência, patriotismo e sentido das necessidades presentes, como seu organizador, já deu um grande passo. Mas ela não seria possível com tôda a sua grandiosidade e explendor, com tôda a projecção que teve, se não fôsse o ambiente lusófilo que no Brasil se vivia, conseqüência de vários factos da mais alta importância na vida dos dois povos: as Comemorações Centenárias de Portugal (e porque não dizer *e do Brasil?)* que deram a êste país uma visão nova e mais clara do seu papel no mundo e da grande fôrça que o impele para o futuro — a fôrça da tradição; a visita da Embaixada Especial ao Brasil, chefiada pelo Presidente da nossa Academia, com o fim de traduzir a gratidão de Portugal pela comparticipação que às nossas festas jubilares trouxe; a ida àquele país do Director do S. P. N., na realização de um antigo desejo que a justa compreensão do seu alto alcance cada vez tornava mais premente, e os frutos salutaríssimos do entendimento entre o S. P. N. e o D. I. P., transformado em actos práticos que tiveram a sanção dos respectivos Governos.

O livro português — estamos certos — retomará o seu lugar no Brasil e, como conseqüência, o interêsse que em Portugal existe nas camadas superiores pela produção cultural brasileira, dar-lhe-á a merecida contrapartida no aumento de venda dos seus livros. Ao editor português, aos nossos escritores, isso não pode passar despercebido.

Na sua notável conferência no Itamaraty, o embaixador Nobre de Melo afirmou: — «O Brasil, particularmente, com a sua esplêndida literatura nacional, rica dum conteúdo espiritual próprio, tão rica e florescente que Edgar Prestage, Professor de Literatura de Londres, a considerou superior à da América do Norte, o Brasil nada tem a recear-se das demais culturas: a portuguesa, de língua idêntica, é a sua natural colaboração».

Se a outras conclusões não tivessemos chegado com a Exposição do Livro Português e a Quinzena, a que tôdas as grandes livrarias cariocas dedicaram as suas belas vitrines, tiraríamos aquelas que o eminente professor nos apontou neste trecho da sua conferência, que é um programa.

As palavras do Dr. Gustavo Capanema, ilustre titular da Educação, no acto inaugural da Exposição, foram bem expressivas. Oxalá se não deixe murchar a «primeira flor nascida do acôrdo cultural», sob tão bons auspícios celebrado entre os directores da propaganda de Portugal e do Brasil!

GASTÃO DE BETTENCOURT

O maravilhoso espectáculo do mar das núvens. — Foto D. Soares

CARAMULO *a Serra que fala e chora*

Na serra encontra-se êste dolmen

De pé em frente da Serra da Estrêla, não num gesto toleirão de desafio, mas num natural impulso de imitação por simpatia ou antes, ou melhor, como uma resposta de «Presente!» a uma chamada da Terra de Portugal que a Estrêla, ou alguém fincado nela, um dia tivesse feito, a Serra do Caramulo ergue-se na sua altitude de 1.100 metros a formar um mirante dos mais lindos que na Terra pode haver. Às vezes lembra-me êste sucessivo erguer da Terra de Portugal, em montes e serras até ao mar, como uma hora de curiosidade, de espreitar nas pontas dos pés, a descobrir ao longe, a querer ver, como quem vê uma procissão, o vestido azul do mar... E porque não? Se era êste o grande destino da terra portuguesa e das suas gentes, o caminho do mar, que tanto mal lhe fez, que tanto bem lhe deu, que se não foi o seu baptismo, foi o seu passo de maior idade ou o seu «assentar praça» na vida!

Linda varanda, esta Serra! O panorama que se vê daqui é incomparável!

Tondela, Ribeira, Castelões, Molelos...

Pela encosta há outras povoações a trepar por carreiros contra a serra. Não sei se descem para vir também, ou se vão na subida sem descanso: Loriga, Valezim, Manteigas...

Um trecho do Cabêço da Neve

Dois aspectos da serra em plena Primavera

Lá para a esquerda, Viseu, com a Cava de Viriato a esconder-se. Para a direita: Lousã, Mortágua, Bussaco...

Num recôsto da vertente, viradinho ao sul, instalou-se, no velho lugar de Paredes do Guardão, erguida como obra maravilhosa, a Estância Sanatorial do Caramulo, deixando lá no alto, como sentinelas, ou como faróis, o Cabêço da Neve, o Caramulinho. Começada há cêrca de 20 anos, é hoje, pela beleza e pela técnica e em especial pelo tratamento científico que aqui se faz da tuberculose, alguma coisa que honra Portugal e que não fica atrás do melhor do estrangeiro.

Esta Estância Sanatorial, a 800 metros de altitude, conta hoje cêrca de 15 Sanatórios, Casas de Saúde e Hotéis, além de inúmeros *Chalets* e casas para alugar.

Tem capacidade para 800 doentes e começou há cêrca de 20 anos com os Sanatórios do Caramulo e da Montanha.

Todos os médicos, excepto os especializados, vivem num contacto permanente com os doentes, dedicando-se e trabalhando, como científicos, sob a competentíssima orientação do Doutor Manuel Tápia, um dos mais ilustres tisiólogos, empenhados na grande batalha contra a tuberculose, sempre cheia de surprêsas, manobras difíceis e altos golpes de estratégia.

Porém, o que mais nos surpreende e sensibiliza aqui, é a enfermagem moral e física que os próprios médicos fazem aos doentes. Nada os leva de junto de nós — maldita cidade que é tão absorvente e tanta distância cria! — estão sempre presentes em trabalho de médico, em trabalho de enfermeiro, em trabalho moral de amigo junto do doente cuja saúde piorou, ou cuja fôrça moral caíu e está a atravessar hora depressiva.

Há sempre uma intervenção, um remédio, uma história, um conselho, uma observação, uma palavra — e o doente melhora, reage e lá volta a subir.

Dêste notável corpo clínico não resisto à tentação de destacar, pelo conhecimento mais próximo que dêles tenho: — o Dr. Manuel Tápia, que parece ter raios X nos olhos e cuja opinião e observação desejamos como coisa sobrenatural; o Dr. Luiz Quintela, grande ás na técnica em secção de aderências, intervenções sôbre o frénico e toracoplastia; o Dr. Sampaio, Dr. Ferraz e Dr. Veloso — todos vivendo com mística e proficiência o seu trabalho.

Tôda esta grande obra, tôda esta organização se deve ao dinamismo, à fôrça, à fé, que ainda hoje continua a expandir-se, a expressar-se e a realizar-se, dum homem que Portugal já conhece: o Dr. Jerónimo de Lacerda.

Em geral os homens de acção, ou por dispêndio excessivo de fôrça ou por depressão do toque das dificuldades do caminho, são reservados e taciturnos; neste caso não, que o Dr. Lacerda é um dinamismo alegre e bem humorado, sabe fazer diplomacia e boa política, quando quere...

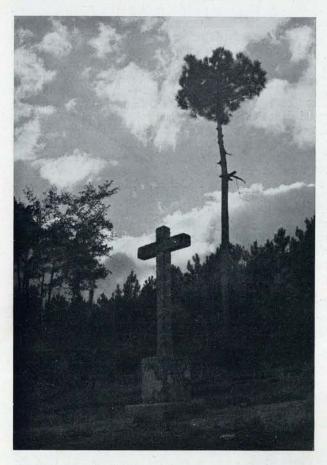
Não posso deixar de me referir também à boa técnica da tomografia aqui praticada e em que se conseguem excelentes provas, devido à intervenção dum dos nossos mais distintos radiologistas — Dr. Carlos Santos.

Como sabem, a tomografia é radiografia feita em profundidade, em vários planos, até se conseguir a imagem nítida da lesão a precisar.

Para se fazer uma idéia do movimento técnico desta Estância posso-me referir aos casos passados no último ano:

Pneumotorax	144
Toracoplastias	33
Secção de aderências	51
Frenicectomias	13
Serviço de Oto-rino-laringologia	66
Serviço de Odontologia (intervenções)	515
Serviço do Laboratório (análises)	7442
Serviço de Radiologia (das quais 104 tomografias)	2815

Está quási em fim de construção um Sanatório para tratamento de tuberculose pulmonar infantil para as classes pobres,

A Estância Sanatorial do Caramulo. — O Cruzeiro de Paredes de Guardão

A sua imagem tão linda está por cima do altar, estendendo os seus braços a animar, a confortar, e continua sempre Mãi de Misericórdia, Presença Contínua, mesmo junto dos que não rezam, dos que não vão lá.

Ao lado da Capela, como a continuação duma Esperança, como uma Certeza, a viver como Portugal entre pinheiros, a casa do Dr. Oliveira Salazar.

Mas o Mar das Nuvens!... Em certas manhãs é uma maravilha! A ilusão é perfeita, absoluta! Ao longe a Serra da Estrêla a emergir, como o pico alto duma ilha encostada ao mar, cinzento, quieto e, mais perto, as nuvens a trepar, a subir, mexendo, parecem vagas em baloiço. Há bocados mais azues com manchas brancas a lembrar um mar com carneirinhos; há redemoinhos de água; há dobadouras em volta de recifes; há bôcas de rios a entrar em golfadas pelo mar dentro...

A ilusão é perfeita, de lés-a-lés e durante horas. E visto tudo do Grande Sanatório, ou dos jardins, ou das galerias, faz-me lembrar uma viagem num grande barco, como já fiz, por um mar cinzento, oleoso, a dormir, numa aproximação de surprêsa duma dessas ilhas encantadas da Insulíndia...

E sem querer, na luz indecisa da manhã, lá do tombadilho, das galerias em que há também baldeação, os olhos recordam, a alma cisma, e o coração vai ditando versos antigos...

Venham visitar a Estância Sanatorial do Caramulo!

Não ouvirão tossir, nem verão caras de doentes. Antes pelo contrário... — que as doenças estão nas radiografias.

Caramulo — Setembro de 1941.

ANTÓNIO METELO

A Capela da Senhora da Esperança

cujo projecto é da autoria do arquitecto Pardal Monteiro, e que é o único em Portugal.

Dentro do Grande Sanatório existem o mais possível de distracções para os doentes: sala de jôgo, biblioteca, cinema, estação rádio-emissora «Polo Norte».

Para a nossa fé, para amparo das nossas dúvidas, ergue-se, tôda branca na sua simplicidade amiga, a Capela de Nossa Senhora da Esperança. Nossa Senhora dos Milagres, em curas e em esperanças!

TURISMO NO SÉCULO XV

Como uma Embaixada Boémia VISITOU E VIU PORTUGAL

POR RODRIGUES CAVALHEIRO

Uma Sociedade das Nações Medieval

SÃO dignos de verdadeira admiração aqueles viajantes boémios que, em embaixada famosa do Rei Jorge de Podiebrad, nos meados do século XV (reinava entre nós o *Africano)*, tiveram paciência e coragem de, num carroção primitivo e incómodo, dar volta a grande parte da Europa Ocidental, visitando a Austria, então fragmentada em minúsculos estados, a Inglaterra, a França, a Espanha e Portugal. Ignora-se ainda hoje, ao certo, o objectivo verdadeiro dessa peregrinação fastidiosa através de nações, de cidades e de côrtes. Para uns, o soberano boémio tinha em mira «constituir um parlamento com todos os cristãos, no qual tomariam assento todos os príncipes da Europa (com excepção dos turcos). Nesse parlamento — acrescenta-se — deviam ser resolvidos todos os conflitos amigavelmente, sem recorrer à guerra». Seria, portanto, possìvelmente, a primeira tentativa oficial para se formar uma espécie de Sociedade das Nações, e, dessa forma, o monarca em questão apresenta-se como um utopista precursor, um como que Wilson medieval.

Segundo outros, porém, — e Camilo enfileira-se entre êles — Jorge de Podiebrad, afecto às doutrinas heréticas de João Huss, martirizado em 1415, atraíra a solene excomunhão de Paulo II, que prègou contra a boémia cruzada de extermínio. Matias Curvinus, Rei da Hungria, enteado de Jorge, conspirou contra o padrasto, induzido pela promessa da corôa que o Pontífice lhe fizera. Jorge reagiu contra as ameaças do Vaticano e pediu auxílio aos monarcas queixosos de Roma. Daí a embaixada a que nos vamos referir.

Seja como fôr, o certo é que foi o cunhado do Rei Jorge, Leão de Rozmital, barão de Blatria, senhor de Fryenbergh e conde de Platen, irmão germano de Joana, Rainha da Boémia, e

um dos áulicos do Imperador Frederico III da Alemanha, denominado o *Pacífico*, quem assumiu, em 1465, a chefia dessa enviatura diplomática. Acompanhavam-no dois indivíduos de grande capacidade e cultura: — um boémio chamado Alexandre Sasek e um alemão, de nome Gabriel Tetzel. Cada um deles escreveu a narrativa dessa longa e curiosíssima viagem. A do primeiro, traduzida para latim pelo cónego Pavlovsky, foi utilizada, na parte relativa a Portugal, por Camilo Castelo Branco, num dos capítulos das *Cousas leves e pesadas*. É essa versão do grande romancista que nos vai servir agora.

O Itinerário dos Cavaleiros Andantes

S viajantes entraram em Portugal por Freixo-de-Espada-à-Cinta. Com certa dificuldade atravessaram êles o rio Douro, pois as improvisadas jangadas de que se utilizaram não tinham lotação para mais de duas pessoas ou dois cavalos. Quarenta homens constituíam o séquito de Rozmital, que utilizou também cincoenta e duas cavalgaduras. «O fim aparente desta enorme embaixada era tomarem parte, os seus componentes, em justas e torneios, como cavaleiros andantes: colher informações acêrca dos costumes das diversas côrtes e adorar e venerar os santos e suas relíquias, por elas espalhadas». Assim se exprime, num valioso trabalho sôbre as *Relações entre Portugal e a Tcheco-eslováquia*, o sr. coronel Henrique de Campos Ferreira Lima.

Ouçamos agora a descrição das nossas regiões fronteiriças, tais como elas se apresentavam à curiosidade dos estrangeiros, em pleno século XV: — «Freixo é uma fortaleza ampla e vistosa, a primeira que os viajantes topam nas raias castelhanas. Muitos e formosos vinhedos cercam esta fortaleza e aldeia. A cinco milhas e meia de distância está a Tôrre de Moncorvo. Esta cidade, edificada sôbre colinas, é acessível por pedregoso e embaraçoso caminho. Produzem estas montanhas árvores quais nem eu nem algum dos nossos viu jámais. Correm seis milhas da Tôrre de Moncorvo à Barca d'Alva. É uma aldeia situada em altíssimo monte, a que um cavalo recusa trepar, pela dificuldade que tem em firmar as patas. Passa-lhe ao sopé o rio Tua. As avenidas para esta aldeia são difíceis e trancadas».

Por cidades e aldeias do Portugal de Quatrocentos

EJAMOS agora como o cronista da embaixada boémia nos descreve, com singulares arrojos de imaginação, a fauna que povoava a região fronteiriça de Trás-os-Montes, por onde o numeroso séquito havia entrado no nosso país. «Nos montes vizinhos—conta êle—há abundância de serpentes, alacraus e lagartos. As serpentes são curtas, mas grossas, e têm asas semelhantes às dos morcegos, e as cabeças armadas de pontas aduncas. Se avistam homens ou rês desferem vôo contra êles, e cravam-nos com as pontas, e sustentam um vôo de duzentos e cincoenta passos ou mais. Os alacraus são do tamanho de cães de caça, com o dorso variegado, como nunca víramos outros semelhantes. Os lagartos, mais pequenos que os gatos, assemelham-se-lhes na cabeça e são verdes. Os que são forçados a freqüentar estas serras na estação calmosa carecem de ir prevenidos com triaga, aliás não poderão transitar por causa daqueles venenosos insectos. Porquanto se logo não aplicarem a triaga à peçonhenta mordedura, morrem súbito, a não cauterizarem a parte infeccionada pela mordedura».

Quanto à flora, o viajante não é menos explícito: — «Crescem nestas serranias árvores como nunca vimos nos nossos climas com fôlhas semelhantes às do piretro e um fruto que, mediante a fricção, desenvolve cheiro acre. Outras árvores aqui se encontram, cujas fôlhas são suavemente odorosas. Há três espécies de carvalhos nestes sítios: uma com as fôlhas semelhantes ao cardo; outra com as fôlhas brancas, cobertas de certa lanugem. A terceira espécie é a que se dá nas nossas regiões, só com a diferença de terem as fôlhas umas fendazinhas e filamentos à orla. Crescem nestes montes outras árvores e ervas que não existem noutras regiões». Há ainda, depois, referências a «uns certos morangos», que se chamam «*morangos-do-mar*» e que Camilo supõe tratar-se de medronhos, ao figo, à amêndoa, ao vinho passo ou sêco, que — acrescenta o cronista — «entre nós se chama grego». E adita: — «E, conquanto careçam estas terras de minas de oiro ou prata, são riquíssimas doutros géneros, em troca dos quais importam de outros sítios o oiro e a prata». Eis, pois, um curioso quadro da produção animal, vegetal e mineral da região transmontana na centúria de Quatrocentos.

Os viajantes seguiram de Barca d'Alva para Vila Pouca — «aldeia rodeada de serras, acessível por entre montes e bosques, que na maior parte só produzem castanhas» —, de Vila Pouca foram direitos a Mondim de Basto — «outra aldeola com as casas distantes uma da outra». «Até lá — elucida Alexandre Sasek — corre o caminho por entre empinadas e altíssimas serranias, as mais

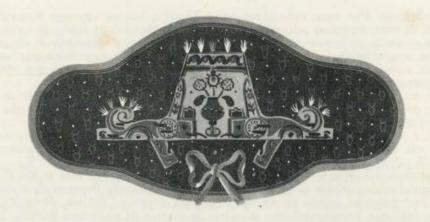
altas que dobrámos. Por entre estas corre o rio Tâmega, que se atravessa numa alterosa ponte de pedra». Galgaram depois as seis milhas que separam Mondim de Basto de Lanhoso. «Sobranceiras a esta povoação estão as ruínas dum castelo. Nestes montes encontram-se algumas fortalezas desamparadas, apenas habitadas por campónios, que se nutrem das sementeiras que fazem nas terras achegadas aos castelos. Difícil e laboriosa vida é a dêstes montanheses, pois que não se vê campo cultivado no trato de algumas milhas».

Eis a embaixada em Braga: — «É cidade e praça de armas, situada entre montes distante trinta milhas pequenas de S. Tiago (de Compostella). Nesta cidade reside o *arcebispo de Portugal.* Nas circunvizinhanças desta cidade vimos, como em nenhuma outra parte, laranjeiras, limoeiros e romanzeiras, e outros géneros, bem como ervagens. As muralhas da cidade estão cobertas de hera. Guimarães, vila espaçosa, está a três milhas de Braga. Montanhosa e difícil passagem separa as duas terras. A salva e o poejo crescem constantemente à beira do caminho.

O encontro, em Braga, de Rozmital e dos seus companheiros com o Rei D. Afonso V é uma das páginas mais curiosas da narrativa, pois é um testemunho flagrante de certos aspectos da vida social portuguesa no século XV. O espaço de que dispomos, todavia, não nos permite a sua transcripção, pelo que, prosseguindo no itinerário da viagem da embaixada boémia, anotemos que, de Braga, os boémios dirigiram-se a Ponte de Lima e depois a Valença do Minho. Atravessaram a fronteira e seguiram em peregrinação até S. Tiago de Compostella. No cabo de Finisterra aprenderam os viajantes uma lenda relativa às navegações portuguesas, que tem o interêsse de nos revelar que a existência de regiões transatlânticas era suspeitada entre o povo mais de vinte e cinco anos antes da expedição de Cristovão Colombo.

De volta a Portugal, a embaixada boémia percorre grande parte do país e vai anotando as suas impressões. Guimarãis, Lisboa, Pôrto, Coimbra, Agueda, Tomar, Santarém, Evora são objecto de comentários ou de rápidos apontamentos. Ao acaso transcrevemos: — «Lisboa é a primeira das cidades de Portugal. Trinta milhas em roda, o irmão do Rei recebe um tributo de vinho, que lhe é pago, limpo e bom, em dia de S. João Baptista; e se lhe não dão o tributo em vinho, pagam-lho a grande dinheiro». Sôbre o Pôrto: — «Há nesta cidade muitos mouros, separados dos cristãos. Para aqui vêem anualmente milhares de cativos, que se vendem e trocam. Estes nunca mais voltam à terra natal, excepto sendo vendidos por alguns dos seus. Os baptisados não podem ser vendidos pelos donos, mas sim dados como presente, aliás morrem na servidão de seus senhores. Estremam-se pela barba, pintada de côres, que nunca podem ser lavadas». A respeito de Coimbra: — «E uma cidade acastelada; rega-a o rio Mondego; está situada no declive duma serra; e tem uma ponte de pedra. Não é grande, mas é elegante e reparada. Ao correr do rio há plainos ameníssimos. Os caminhos que levam à cidade são ladeados de serras que produzem erva doce. E não longe abundam os olivedos, vinhas e outras árvores. Junto à cidade, da parte de além do rio, está um elegantíssimo convento, e grande cópia de ciprestes e vistosíssimos hortos».

E ponto final. Não se podem negar ao cronista boémio qualidades de visão e de gôsto, muito embora a sua fantasia, por vezes excessiva, nos dê do Portugal do século XV uma imagem algum tanto fóra das realidades convencionais . . .

Desenhos de Bernardo Marques

JUGOS E CANGAS DO DOURO LITORAL

NÃO há alfaia rural mais notável do que os jugos e cangas que se topam pela província do Douro Litoral. São únicos no país e únicos no mundo, como já os classificou um erudito polaco, com autoridade de opinião na matéria, tal a arte que êles encerram! Mas já antes dêle, Mestre Leite de Vasconcelos lhe reconhecera merecimento simbólico e, depois, Joaquim de Vasconcelos chamara a atenção dos investigadores e críticos para o valor estético dos motivos que os ornamentavam.

Pintados, muito ao sabor da majólica, em delírio policrómico, uns, os do sul, os outros, os do norte, lavrados requintadamente e com a madeira (a tradicional é o sobreiro e o lodo...) em seu natural; o que é certo é darem aos bois pacientes e de armaduras em lira, um aspecto curiosíssimo, que marca de bizarra identidade certos aspectos agrícolas e campesinos de província.

Jugos ou cangas, conforme as terras, e, de uma maneira geral, se são rectangulares ou não, vale a pena atentar nos motivos que os decoram, quer sejam pintados ou entalhados.

Na quási totalidade são razões de alta velhice. Alguns ascendem à pré-história, mas não há forma do homem dêles se separar. Primeiro com intensão simbólica, hoje só têm o sentido decorativo, mas prêso a funda tradição. No entanto, motivos há que o *jugueiro* emprega sabendo porquê, e que o lavrador exige, conscientemente.

E, seguindo retrospectivamente êsses pequenos motivos de arte, que enriquecem tão valiosa alfaia agrícola, nós podemos fazer divagações cheias de imprevisto e veremos a alta e ilustre biografia que cada um dêles apresenta.

Para o lavrador o boi é tudo. Quando morre, quási deita luto, pois é a maior desgraça que pode acontecer-lhe. De aí, em parte, o luxo que faz nos jugos dos seus bois. São as suas peças ricas — os jugos dos bois e o oiro das mulheres.

Se a vida vai correndo sem apertos de maior, o lavrador não descansa enquanto não tem um jugo de reserva, dos grandes, só para as feiras de ano, onde por vezes há concursos agro-pecuários. Estes jugos que não são do trabalho têm o nome de *jugos de parada.*

No que valem, como documentário de arte popular, são autêntico espelho das tradições estéticas da província. Populares são, é certo, porque é o povo que os pinta e lavra, mas transmitindo, de geração em geração, os motivos que através o tempo vão assim tomando forma própria, inconfundível, ganhando uma simplificação admirável. Mas não são fontes, note-se — a não ser em pouquíssimos pormenores — do que o povo nos dá com feição *rústica.*

Originários do Douro Litoral, êles circulam desde o litoral até à altitude média, em que o carro de planície se transforma no carro de montanha. Assim é que, de Arouca a Rezende, no planalto, o jugo é reduzido ao mínimo do *cangalho,* sem outro lavor que não seja um indispensável *sanselimão.* Mas de Baião a Amarante, e daí para oriente, já plena montanha, a maneira de *jungir* os bois, como diz o povo, também se altera. E os bois, que em todo o país são presos ao carro por um sistema intermédio ao usado no carro de planície e no carro de montanha, levam nas cabeças curiosas almofadas de pele de cão, com franjas de lãs vistosas. Muda o jugo, o formato do carro, o sistema de jungir e, até, a raça dos animais.

Os jugos altos e ornamentados estendem-se, pois, pelo litoral, e projectam-se no mesmo sentido para norte e para sul, isto é, até Viana e até Aveiro. No Douro-Litoral são feitos e, às feiras da província levam os jugueiros o produto da sua arte admirável. Fora da província poucos jugueiros se encontram e êsses, em seus trabalhos, só fazem as réplicas dos vários tipos durienses.

E que lindos os bois ficam, emolduradas suas cabeças majestosas, em fundo tão expressivamente decorativo!

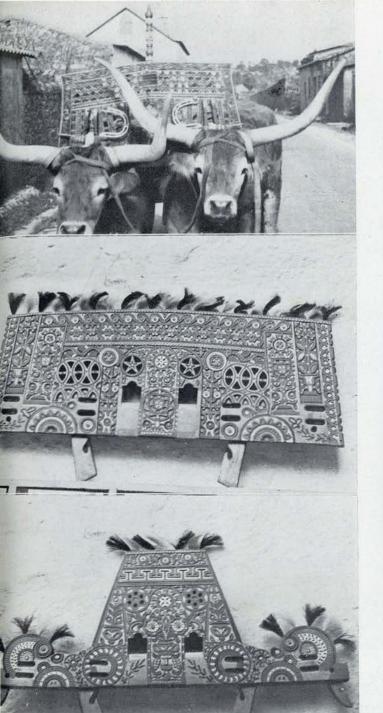
Estes jugos ornamentados são o documentário mais vibrante e completo da arte popular portuguesa, pôsto-que só no norte se encontrem. Já têm reconhecido esta circunstância os nomes mais representativos da etnografia nacional.

E, para fechar estas linhas, atrevemo-nos a dar um conselho a todos os que venham até ao Douro-Litoral, *para conhecerem a sua terra:* — Procurem ver e reparar nos diversos tipos de jugos que se encontram pelas nossas estradas e notem como são autênticas obras de arte e, ao mesmo tempo, como êles não destoam da paisagem, como lhes estão ligados por qualquer fio que se não vê, mas sente.

E agora, vêde com atenção alguns dos mais belos exemplares que os jugueiros nortenhos têm produzido, e que ilustram estas linhas.

ARMANDO DE MATTOS

Desenho de Paulo Ferreira

O Douro Litoral é a província donde estes jugos e cangas irradiam. O seu uso estende-se pelo litoral, até Viana do Castelo e Aveiro. Não há forasteiro que depare, nas estradas ou nas feiras, com estes especimes da arte regional, que não fique encantado.

É esta uma das maiores riquezas da nossa arte popular: as cangas e jugos ornamentados, que se encontram em várias regiões do Norte do país. No desenho, no rendilhado, nos relevos e côres são, como se vê nestas fotografias, sempre diversos e curiosos.

Fotos A. de Mattos

O PALÁCIO DE Queluz

Foto de Mário Novaes

O Palácio de Queluz está quási às portas de Lisboa. Se outro interêsse não tivesse a visita a êste monumento nacional, bastaria a paz dormente dos seus jardins, o rumorejar das ramarias do seu parque, o chilreio da passarada cortando o silêncio das horas paradas, o cântico da água a gotejar, para vos convidar a vir aqui repousar umas horas, uns momentos, perto e longe da cidade absorvente, do casario esmagador, enchendo os olhos e o espírito com o perfume do século doirado, caprichoso, fútil e até — se quiserdes — feminino...

Transposta a entrada, pelas salas e salões, a cada passo podeis compôr delicadas páginas dum velho album: — Madeiras pintadas a fingir mármores e pedras fantasiosas, molduras e guarnições de perfís caprichosos, oiro, o indispensável oiro da época, a correr pelos moldados, ornamentos, talhas e móveis. Aqui, pálido e

A Sala das Serenatas ou da Música. — A Sala do Lanternim, com o retrato de D. Miguel

Fotos de Raúl Reis

gasto, vermelho e velho, ali fulvo e brilhante na taça dum lustre, no bordo dum copo de cristal.

Misturam-se estilos, atropelam-se detalhes. Não vereis extraordinárias, invulgares peças. Não estais num museu, onde as peças vivem do seu próprio valor, independentes, senhoras de si mesmas, da sua irradiante beleza. Não! Queluz é um todo. Não podemos parcelá-lo, dividi-lo, sem perigo de lhe quebrarmos o encanto.

O tempo, o capricho dos artistas, as régias vontades e as modas que predominaram durante a sua construção, deram-lhe fisionomia própria, são hoje a expressão duma época. O senhor D. Pedro III ordenou e abriu a burra para a sua construção. O arquitecto da sua casa, Mateus Vicente de Oliveira, realizou os planos iniciais. Mais tarde veio Robillion e seus colaboradores. O plano deve ter começado a receber as suas dedadas. Não esqueçamos que Robillion trabalhava como escultor e gravador e... era francês. A fantasia do ilustrador pressente-se de quando em quando. O rei tinha pressa de ver os seus salões e os entalhadores trabalhavam morosamente. Pois bem: substituíu-se a madeira pela pasta de papel. O efeito será, sensìvelmente, igual; o cenário terá o mesmo brilho; o oiro e as tintas darão realce às ornamentações. Os espelhos, painéis, lustres, móveis, faianças e porcelanas completarão o conjunto. Desprezando a idéia arquitectónica de duração, o decorador-ilustrador, preocupado só com efeitos, recorre à falsidade da pasta de papel — de resto, recurso corrente na época — e nós hoje apreciamos a expressão característica dessas moldagens, a macieza e suavidade dos volumes que, realizados na madeira, resultariam muito mais duros e violentos. Tôda a ala D. Quixote e sala dos Embaixadores, ornamentadas dêsse modo, são um primor. Não procureis isolar um detalhe. Se o fizerdes, tereis nas mãos ou na retina uma caraça carnavalesca. Todo aquêle amassado e moldado vive do risco, idéia ornamental indivisível, que lhe dá unidade e esplendor decorativo. É precisamente essa

impossibilidade de dividir, isolar detalhes, que nos demonstra o alto valor dêstes conjuntos e a garra dos artistas e da época que os criou.

A maioria das telas, isoladamente, são medíocres, os móveis não são notáveis e, no entanto, o efeito ornamental, espectacular, foi conseguido. A sala das Merendas é, talvez, aquela que possui os mais belos painéis de todo o Palácio. Os artistas que os pintaram, se não podemos colocá-los ao lado dos Goya, não ficam mal ao lado dos Bayeu.

Tudo é brilhante, doirado, espelhado, colorido. A rainha D. Carlota, na doçura dêste ambiente, devia ter imaginado realizar fàcilmente os seus projectos, os seus sonhos grandes. Chega a parecer incrível que êste delicado e suave cenário tenha servido de fundo à intriga, à dor, à loucura e à morte.

As obras de reïntegração e os restauros concluídos em 40-41 refizeram, totalmente, a ala D. Quixote, sala dos embaixadores e outras. No entanto, só um observador atento ou precavido será capaz de apontar os trabalhos realizados. Das cinzas do incêndio foi possível fazer renascer todo êste admirável conjunto. O superior critério e a delicada sensibilidade dos restauradores nada deturparam. Conseguiu-se o tom justo, o motivo perdido, a pátina adequada. Perdeu-se, talvez, o encanto poético, mas doentio, que se evola das ruínas, mas ganhou-se para o património da Nação um todo harmónico e completo, capaz de dilatar a existência para além de nós.

Da caprichosa sala dos Embaixadores ao pavilhão D. Maria I, todo êsse enfiamento de salas é uma sucessão de composições agradáveis. Aqui, são os azulejos de tonalidade doce, farfalhudos de desenho, retóricos de composição; ali, um silvado delicado, um medalhão gracioso, uma mancha de côr justa, retratos evocadores... Os móveis, lustres, pratas, faianças, porcelanas, vão desfilando por nossos olhos, com as dedadas do estilo, o sinete da época. Do *Luiz XIV* ao *Império* e *D. Maria* perpassa tôda a gama da fantasia estilística que o espírito criador e o tempo souberam realizar. — Atropelam-se estilos? Que importa? Foi o tempo, o inexorável tempo que, ao passar pelos homens, deixou impresso o cunho dos seus dias.

Uma das fachadas do Palácio. — Painel do teto da Sala dos Embaixadores. — Fotos de Horácio Novaes e António Passaporte

A Capela, gorda de volumes, com lonas pintadas a fingir pedras caras e raras, será retórica, mas o século XVIII

A Sala dos Embaixadores. — Foto de Raúl Reis

têm dêstes arremedos. Contudo, a composição geral tem unidade, carácter. Vêde a sala da Música. Que solução de planta tão feliz! Aquele recôncavo ampliou o quadrilátero, arrumou a orquestra, enriqueceu a decoração. E a sala do Trono? Em qualquer parte do mundo seria uma admirável composição. Aqui tudo é nobre, distinto. A expressão geral dêste grande salão, tão profusa e ricamente ornamentado, a abundância de oiro, foi estudada com tal mestria que o espectador não pode sentir-se esmagado.

A planta, àparte pequenos acidentes ou pormenores, é um vasto rectângulo. Portas, muitas portas; mas, lá no alto, o teto desenvolve um arabesco de linhas elegantes, recurva-se, sobe, conquistando espaço, amplidão. Os rodapés, portas, pilastras, sobreportas, cornijas, molduras, painéis e grinaldas distribuem-se, desenvolvem-se, reünem-se num todo vivo, dominado. É uma maravilha de gôsto, distinção, equilíbrio, unidade. Animai, agora, todos estes salões com a vossa

imaginação e evocação histórica e vêde que deslumbrante espectáculo, que maravilhoso cenário Queluz pode oferecer-vos.

Dos jardins, reparai nas fachadas. Sorriem. Os motivos são brincados, alegres, galantes. O ar pesadão ficou lá fora no terreiro. Aqui há um ritmo grácil, desenvolto. Estendei a vista pelos jardins perfilados, geométricos. Mesmo sem flores, sem colorido intenso, as bordaduras de buxo foram tão bem desenhadas, que é um gôzo para os olhos ler êsse desenho verde. Percorrei o parque: a cada momento encontrareis recantos agradáveis, repousantes. As velhas árvores, as ruas longas, as sebes verdejantes, as estátuas e as fontes, em certos dias, a certas horas, parecem adormecidas. Uma paz de sonho doce e bom envolve o Palácio e os seus jardins.

Queluz, Fevereiro de 1942.

VENTURA PORFÍRIO

Varinas

por

CARLOS QUEIROZ

AINDA não passaram muitos anos. Uns quinze, talvez. Eu não sou velho e lembro-me. Ia-se por essa Lisboa fora, a qualquer hora do dia e encontrava-se um grupo de varinas. Às vezes, uma só. A canastra à cabeça ou, quando vazia, obliquada à cinta; as mãos erguidas ou fincadas nas ancas; as chinelas trepidantes nos calcanhares...

— Como se sabe. Como ficaram em centenas de gravuras, telas, desenhos, fotografias e naqueles versos de Cesário, de citação obrigatória: «Vêm sacudindo as ancas opulentas...»

Não é para descrevê-las que aqui estou. É para lembrar isto: Que tôda a gente sentia que Lisboa era delas, das varinas! Tivessem chegado há pouco da Murtosa ou de Ílhavo, fôssem de origem grega ou fenícia, isso era com os eruditos. O certo é que Lisboa, sem elas, não seria Lisboa.

As pessoas paravam para as ver passar. Por vezes, nas ruas mais concorridas anormalizava-se o trânsito. — Exagero? Posso evocar aqui o testemunho de dois amigos com quem desci o Chiado naquela tarde em que uma varina surgiu, de rompante, da Rua Nova do Carmo. Vinha quási pelo meio da rua, com a canastra à cabeça, amparada por uma das mãos; a outra pousava-lhe, de leve, na cintura; o ritmo do andar era triunfal, heróico, oceânico!... Só não ficaria perturbado pela esbelteza, a graça, a elegância e a naturalidade dessa adolescente, quem fôsse de todo destituído de sensibilidade e de gôsto estético. O que mais nos in-

Fotos de Casimiro Vinagre e Benoliel (pai)

Um gracioso e expressivo tipo de beleza do nosso povo.
Rapariga de Aveiro.

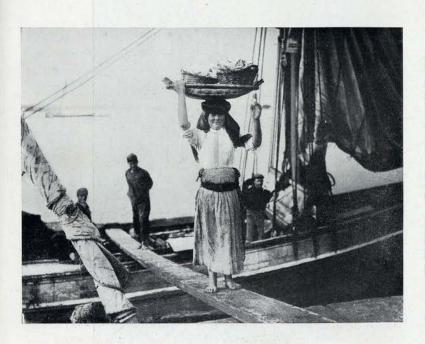
(Foto Horácio Novaes)

trigou, aos meus amigos e a mim, foi a dúvida se ela saberia até que ponto a sua presença imperava, deixava rastro de espanto, de admiração e de inveja...

Passado tempo, num livro de impressões sôbre Portugal — «Caderno» — do poeta Valery Larbaud, encontrei esta exclamação: «Quelles belles races de filles! Sûrement, les filles d'Europe les plus droites!» Referia-se às varinas e eu pensei que êle teria descido também o Chiado, naquela tarde memorável. Porque varinas assim, eram já raras, diga-se. Mas Lisboa ainda era delas. Nas ruas mais concorridas, por vezes, quando passavam, anormalizava-se o trânsito.

Em grupos, eram temíveis. Tinham um à-vontade nas falas, nos risos e nas maneiras que desconcertava o pinoquismo do burgo. Há dezenas de anedotas e ditos de espírito, como êsses contados por João Pinto de Carvalho *(Tinop)* na «Lisboa de Outrora» (1.º volume, artigo «Varinas») que são impagáveis. Mas já êsse autor se queixava de certo abastardamento: — «Os cruzamentos dos varinos com indivíduos de diversas procedências étnicas tem-nos abastardado, assim como a civilização citadina os tem descaracterizado. [...] Talvez que, dentro de dois ou três séculos, a varina seja apenas uma recordação do passado, um tipo extinto».

Não se vê que *Tinop* era um escritor optimista? Muito antes de ter decorrido essa imensidade de tempo, muito antes, já não haverá, pelos menos em Lisboa, uma única varina. Peixeiras, ainda ambulantes, talvez, como agora. — Exagero? Bem. Desta vez, o testemunho que evoco é só o meu: Há cêrca de oito anos que atravesso, quási todos os dias, o bairro da Esperança e conto pelos dedos — uma, duas, três... — as varinas que lá tenho visto. E não vou sempre pelas mesmas ruelas, pensando: naturalmente, naquela travessa é que elas se refugiaram. Mas nada. Também concertei comigo que talvez as não reconhecesse, por terem trocado a indumentária típica pelo vestuário da moda. Qual? — Passasse por qualquer de nós, vestida como senhora fina, a tal adolescente que perturbou o trânsito do Chiado, a ver se não a reconhecíamos imediatamente, com o mesmo espanto, o mesmo enlêvo, a mesma admiração!

É certo que Pinto de Carvalho, no artigo que citei, já notava «o facto de muitos varinos terem abandonado o casario da Esperança, dispersando-se pelos outros bairros e quebrando a tradição da sua exclusiva residência na pandemónica Madragoa». No entanto, alguns anos atrás — dez ou quinze — ainda

Gravura de Milly Possoz e uma litografia antiga

Litografia de Jorge Barradas e um desenho do princípio do século

valia a pena visitar a *Esperança*. Vinham as festas dos Santos populares e as ruas e travessas surgiam engalanadas com festões de janale-a-janela, arcos floridos e os músicos lá em cima, em coretos armados em andaimes, para que se passasse por baixo e fôsse mais longe o fungágá. Vi lá dançar, numa dessas noites, um vira-varino, que nunca mais se me apagou da memória. Lento, grave, impressionante, no ritmo e na marcação. Um dos comparsas cantava (mais recitava do que cantava) e acompanhava-se à viola. O grupo obedecia a certas falas e gestos misteriosos, ondulando. Um passo à frente, um passo atrás... Havia mar naquela dança. — Onde estão as varinas?

Doutra vez, vai para cinco anos, fui assistir, de madrugada, à escolha e à preparação do peixe desembarcado no cais. É uma faina curiosa, onde se empregam muitas dezenas de mulheres. Algumas pareceram-me ser varinas, embora sem o traje característico. Tinha lido, pouco antes, o artigo de *Tinop* e lembrei-me de verificar se essas, tão fàcilmente identificáveis, eram ainda oriundas da Murtosa — e não de Ovar, como se dizia. *Tinop* tinha razão. E os traços físicos que êle (grande visual) apontara, perduravam: «Olhos peninsulares, bôca voluptuária, busto elástico, ancas bem seladas, perna redonda e um garboso derrengue de cinta, certo pico lúbrico nos meneios». Só poucas vezes deu certo o pormenor da estatura: «baixa e atarracada», como êle disse que era a varina da Murtosa. Havia ali raparigas esbeltas, de pescoço alongado e troncos finos. Podiam subir o Chiado, como a outra que perturbou o trânsito, naquela tarde inesquecível. Tinham ainda elegância, naturalidade — raça!

Faz tristeza imaginar o que seria Lisboa com os prédios todos pintados de amarelo, por exemplo. Nesta infantil policromia reside, por certo, um dos grandes encantos da capital. — Mas sem varinas? Não é que a cidade, sem elas, perdeu bastante da sua alegria, da sua graça, do seu carácter?

Eu não sou velho — creiam — e já sinto saüdades das varinas.

Desenho de Almada e óleo de Mário Eloy

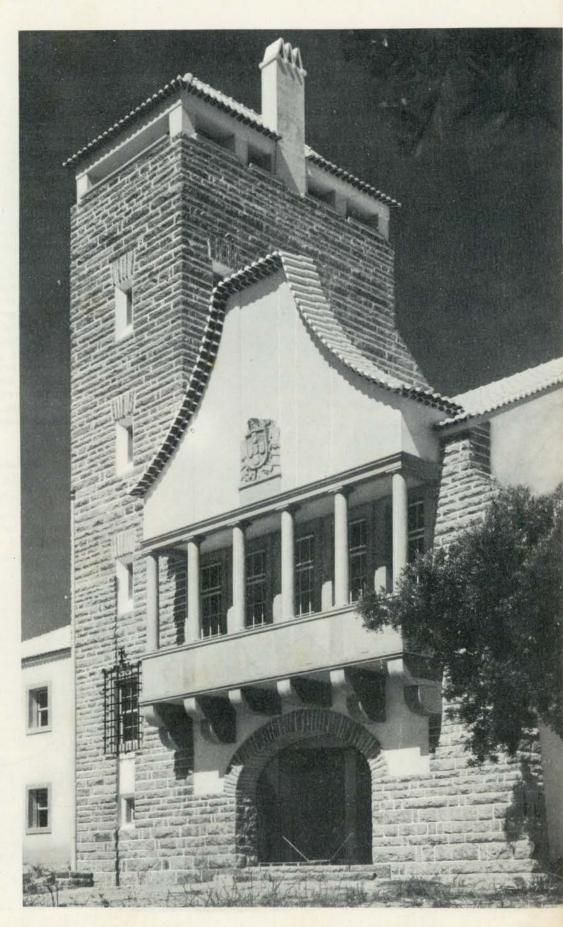
CAMPANHA DO BOM GÔSTO

*V*AI *longe o tempo em que os organismos do Estado se instalavam no primeiro edifício disponível, desde que possuísse a necessária capacidade e o local fôsse conveniente. Não se cuidava de mais nada. Quere dizer, não se cuidava do essencial: — o estilo arquitectónico, obedecendo à natureza dos serviços a montar, e a lógica e o gôsto das decorações interiores.*

Era por isso que só a idéia de entrar numa «repartição pública» fazia sono e tristeza...

Hoje, já se sabe que é diferente. A idéia de organismo novo impõe-se, sincrónica, a de instalações novas e inteligentemente adequadas à sua finalidade.

É o caso da Estação Agronómica Nacional, *instalada num edifício recentemente construído — sôbre um belo projecto do arquitecto C. Rebello de Andrade — cujo corpo central reproduzimos nesta página.*

Quem sai de Lisboa pela estrada nacional, encontra à sua esquerda, pouco depois de Sacavém, esta curiosa fachada. E nem será necessário suspender ou afrouxar a marcha para sentir, além da harmonia de linhas e côres — denunciando, ao primeiro relance de vista, um apurado gôsto — o feliz acêrto do estilo e dos materiais no enquadramento da paisagem ribatejana.

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS PORTUGUESES NO S. P. N.

ALÉM da Exposição do Livro Português, acontecimento que neste número também registamos, teve lugar no Rio de Janeiro, quando da estada do director do S. P. N. nessa capital, uma Exposição de Desenhos de artistas nacionais modernos.

Revistas e jornais chegados da outra margem do Atlântico dizem-nos do êxito que êsse certame — aberto ao público na sede da Associação Brasileira de Imprensa — constituiu.

Embora com efémera duração, ficaram, de modo inesquecível, assinalados dois aspectos fundamentais da cultura portuguesa contemporânea: — A literatura, numa panorâmica editorial que abrangeu todos os seus ramos, e a arte plástica, naquele género que, em verdade, representa a sua própria essência: o desenho.

Algumas das deduções tiradas pelos críticos do Brasil perante os trabalhos — mais de oitenta — dos dez desenhadores que se fizeram representar, são idênticas às que surgiram no espírito de quem pôde apreciá-los, há meses, em Lisboa, na repetição do certame feito no estúdio do S. P. N.

Em primeiro lugar, a evidente realidade da existência de um escol de artistas modernos já evoluídos, isto é: cuja personalidade amadureceu através de uma produção intensa, regular e séria. Depois, o facto, igualmente patenteado nos desenhos expostos nas capitais dos dois países, de serem êsses artistas verdadeiramente independentes.

O amador de arte, mesmo de compreensão e sensibilidade refractárias ao espírito da plástica moderna, poderia ter tido, em face daqueles trabalhos, as sensações mais negativas e menos lisongeiras, mas não esta: a de monotonia. Nem por carência de imaginação visual, nem por excesso de semelhança de processos. Talvez pelo contrário: Seria possível dar consigo a interrogar-se acêrca da estranheza provocada por essa diversidade de estilos e de maneiras, procurando a linha de unidade interior que tornou afins aquelas personalidades tão distintas...

Mas houve quem visse, no Brasil, com mais facilidade e maior nitidez do que nós (perto e dentro demais) poderíamos ver, esta outra importante significação: o carácter diferenciàdamente nacional, inconfundìvelmente português daqueles especimes de arte moderna.

Tanto bastaria para justificar a iniciativa das duas exposições e explicar o êxito que obtiveram

Desenhos de: *Carlos Botelho, Almada Negreiros, Ofélia Marques, Estrêla Faria e Sarah Afonso.*

Desenhos de: *Emérico Nunes, Bernardo Marques, Tomaz de Melo, Paulo Ferreira e Eduardo Anahory.*

Fábulas e Parábolas de Turismo

* * *

O «Hotel Central» e a «Estalagem do Padre António»

Ao Senhor Joaquim da Encarnação Rodrigues não havia maneira de lhe entrar aquilo na cabeça. Nem à mão de Deus Padre: Nem que o matassem. Pronto!

Andava tudo maluco — era o que era. Então podia lá explicar-se, de outra forma, aquela de tôda a gente—ou quási tôda, pois o mesmo dava — preferir a *chafarica* da «Estalagem do Padre António» ao seu magnífico e dantes muito bem conceituado «Hotel Central»?!

Viesse lá o Doutor Luciano com os seus conhecimentos, as suas viagens, e a sua inteligência e as suas (que nisso é que devia estar e estava, com certeza, o «busilis»...) *modernices*, tentar justificar-lhe o caso com a história do nome. Qual nome, qual carapuça! Olhem que esta!...

E ria-se com um riso muito casquinado e muito amarelo.

O Senhor Joaquim da Encarnação Rodrigues era, como já perceberam, o dono e, ao mesmo tempo, gerente do Hotel Central, na cidade de... (A cidade aqui não importa. Santarém. Portimão, Abrantes, Barcelos ou Vila Real de Traz-os-Montes, tanto dá uma como outra. É rara a terra portuguesa que não tenha um Hotel Central. E os Hotéis Centrais são — benza-os Deus! — sempre iguais). Pois, como íamos dizendo, era seu e muito seu aquele hotel. E nêle invertera quantos cabedais trouxera de seus mourejos por Lisboa. Rodrigues estivera em Lisboa. E justamente num hotel — primeiro na copa, depois empregado nos quartos e na sala de mesa, depois à porta, como porteiro. Sim, podia não perceber de medicinas e de matemáticas, mas (viesse lá o Doutor Luciano com as suas trêtas) de hotéis — dessem-lhe licença! — de hotéis percebia. E o «Central» ali estava, que o não deixava mentir.

Puzera-o, quando voltara à parvónia, com tôdas as regras. Vinte quartos forrados a papel — oito de casal e doze de pessoa só. Saleta e sala de visitas. Mobílias tôdas compradas na Rua da Palma — coisa muito fina, muito «chique»... Bela casa de jantar, estucada. Uma casa de banho, com banheira de ferro esmaltado, no primeiro andar. Ótimo tratamento — três pratos, bife e ovos, ao almôço; sôpa, três pratos, vinho e fruta, ao jantar. Enfim — um hotel como havia poucos por essa província! E o caso é que tinha medrado, tido a melhor freqüência da terra

— o juíz, o comandante do regimento, o secretário das finanças, etc. — e não passava por ali caixeiro-viajante que o não gabasse.

Pois há três meses, o Central via fugir os passantes e os hóspedes permanentes. O Zé Tibério, o Tibério da Fábrica, homem de sete ofícios, um estoira-vêrgas, tomara de trespasse a casa do Xico Bêrças, uma venda com uns quartecos por cima, onde se acoitavam dantes os almocreves. Limpara, arranjara, mobilara tudo aquilo com uns tarecos regionais, mesas e cadeiras de pinho pintado,

umas cortinolas de chita florida... Abrira ao longo da loja a sala de comes-e-bebes, com a cozinha ao fundo, cheia de pratos ordinários. E baptizara a *espelunca* — ora vejam lá o disparate e até ofensa à religião! — de *Es-ta-la-gem do Padre António*. Quem era o Padre António? Êle sempre havia cada maluco! Padre António!!!

Mas o facto é que ninguém passava pela povoação que lá não fôsse petiscar e dormir. E o novo juíz e o tenente-coronel já lá tinham quartos. A Justiça e o Exército (que dizem os senhores a isto?!) encafuados numa estalagem!

E quando êle, noutro dia, se queixava — «Central» às moscas — veio-lhe então o Doutor Luciano com a sua:

— Ó Joaquim Rodrigues mas você ainda não foi lá ver!... Olhe que aprendia alguma coisa, homem, Os quartos são um amor — muito asseados, muito bem arranjados. A cozinha muito bem feita...

— Costeletas e bacalhau, bacalhau e costeletas, mais nada! interrompeu, com um risinho de mofa e desprêso.

— Nada disso, homem! Tudo e tudo bem cozinhado e bem servido. O bacalhau assado e as costeletas de vitela panadas são pratos especiais da casa. E magníficos. Tão bons que vem aí gente de Lisboa e do Pôrto só para os comer. E depois o nome — «Estalagem do Padre António» — é um achado!

— Um achado, senhor Doutor!?...

— Sim, Rodrigues. Vocês, hoteleiros e donos de casas de pasto, nem calculam a importância dum bom nome (quando o resto, claro, se recomenda também) como elemento principal de atracção no vosso negócio. Olhe o «Escondidinho», do Pôrto! E a «Margarida da Praça», em Viana! E a «Estalagem do Lidador», em Óbidos. E o «Barba Azul», na antiga Figueira da Foz. São chamaris, os nomes assim. Pode-se até dizer, Rodrigues, que... *hotel ou restaurante bem baptizado, já está meio afreguesado.*

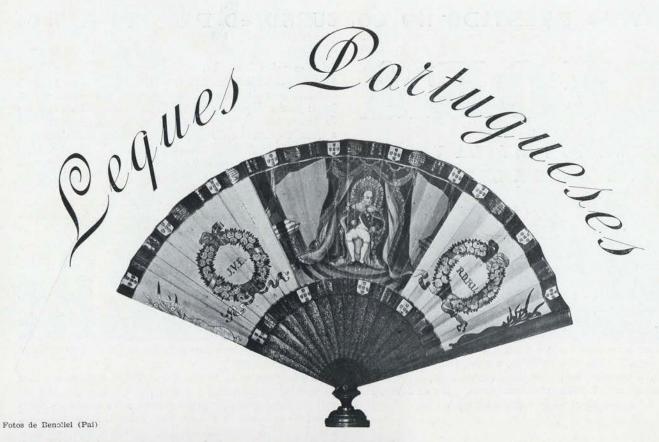
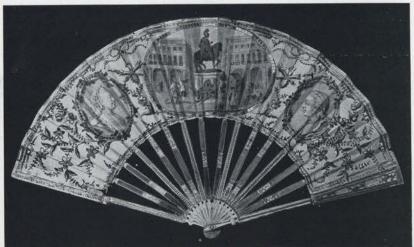
Pois sim! Rodrigues não se convencia.

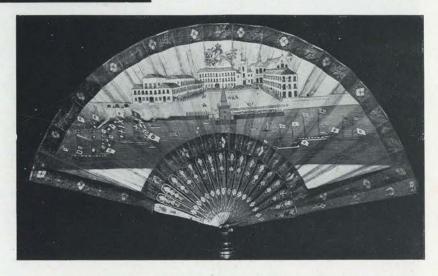
Aos Rodrigues, actuais ou futuros donos de todos os Hotéis Centrais, estas pequenas coisas nunca, por mais que se lhes digam, entram nas suas respectivas cabeças. Nem que os matem!

AUGUSTO PINTO

Desenho de J. Mattos Chaves

Leques Portugueses

Fotos de Benoliel (Pai)

Eis um objecto que nos evoca, se não o espírito complexo duma época em que predominavam, nos costumes, a futilidade e a elegância exibicionista, pelo menos o ritmo da vida social — ainda sem a pressa febril, sem o dinamismo esgotante, sem... as ventoínhas eléctricas do nosso tempo. O próprio gesto que fazia com que os leques refrescassem os rostos e os colos desnudados, era lento, lânguido e cálido...

Nos fins do século XVIII *e, mesmo, no princípio do século* XIX, *ainda o espírito dos miniaturistas se manifestava em alguns géneros menores, como neste — bem curioso — da pintura em leques. Nos que reproduzimos aqui, pode apreciar-se a graça com que os artistas interpretaram o monarca reinante (sentado no trono, empunhando o ceptro), a estátua de D. José e o Terreiro do Paço, em dia festivo, observado do Tejo.*

ARTIGO PREMIADO NO CONCURSO «O PASSEIO IDEAL»

ÉVORA

ESTREMOZ E VILA VIÇOSA
O ALENTEJO E A SUA PAÏSAGEM

por

Cruz Cerqueira

PARTIMOS de manhãzinha. Princípios de Outono. Sol macio, manhã tépida, horizonte claro. Depressa Lisboa se avista em panorama e lesto o vapor faz a travessia enquanto os nossos olhos, deslumbrados, seguiam a marinha alacre e emotiva, a lembrar-nos Fialho e a sua magnífica «Manhã no Tejo», e a despertar-nos a sensibilidade. E do Barreiro, rápido desliza o combóio, breve se nos deparando Évora com a sua casaria branca, o alto de Diana, e as tôrres e os zimbórios da Sé e doutras igrejas.

Velhas traças de ruas e monumentos despertam-nos impressões. Após o almôço começa a peregrinação através da cidade. Primeiro vai-se à Sé. Das catedrais portuguesas é a eborense a que tem fachada mais estranha e medieval. A sua tôrre Norte, dessemelhante da outra, já pela perspectiva e desenho com largas janelas dispostas dessimètricamente à maneira da subida da escada interior, quer pelo assento da mole saliente sôbre a silharia que corre da galilé e pelo coroamento da cúpula cónica alçapremando-se da azoteia como corpo distinto, sugere-nos a idéia das velhas, mediévicas tôrres dos países da Europa Central, com influências orientais. A do Sul, robustecida de botaréus, abre-se numa série de três ventanas sineiras e remata-se por pequenos torreões bizantinos. O contraste é flagrante. Para além das tôrres repetem-se os mesmos motivos bizantinos no zimbório do cruzeiro, muito parecido com o da românica Tôrre *del Gallo* da Catedral *Vieja* de Salamanca. Já a capela-mór, feita por Ludovice, é clássica, dêsse neo-clacíssismo barroco dezoitista.

Interiormente, assinalam-se estes e outros períodos construtivos mas a igreja estriba a sua planta e estrutura no românico-gótico, em estilo de transição. No transépto esplende a Renascença no lindo arco da Capela do Esporão. No Tesouro abrem-se os assuntos à curiosidade dos circunstantes. São sempre as pequenas peças e suas anedotas o que mais interessa ao vulgo das excursões.

Da Sé passa-se ao Museu Arqueológico, onde se admiram os túmulos renascentistas lavrados por Chanterenne, que são aqui a riqueza predominante, como no outro museu — o Regional — as tábuas da *Virgem da Glória* do flamengo Gerard David a valia suprema. Cá fora os olhos topam com o templo de Diana. A elegância das colunas, a beleza dos capitéis, o lançamento da arquitrave, o todo dêstes maravilhosos

A capela ogival de S. Braz. — Foto Mário Novaes

Évora — Fontes quinhentistas — Fotos de Tom

restos de arquitectura clássica, expressando notável beleza, fixa a retina subtil do observador.

Depois e num apressar sempre cada vez maior — porque o tempo foge e os monumentos em Évora são como as cerejas — a caravana passa pelos Loios e vê o pórtico manuelino do capítulo, geminado em arcos de ferraduras, e entra na Casa Pia, com o seu cláustro e galeria, cujo corpo central, exuberante mas atarracado na parte superior, vale menos em elegância do que os renques dos arcos, um tudo-nada à vista, de mais de meia volta. À primeira impressão parecem mudejares. De resto as colunas são simples, quási sem base, e de fustes delgados.

A Graça é um templozinho bonito com mimosa fachada renascentista de pilastras, colunas e entablamento encimado por janela de dupla ordenação e tímpano, duas grandes rosetas e figuras sustentando globos em coruchéus laterais. — De mestre Torralva? Talvez. E vá lá dizer-se que esta construção curiosa mas apequenada e de poucas proporções tem a esbelteza não já do clássico Templo de Diana, que nos paira ainda na retina, mas do monumental cláustro de Tomar!

S. Francisco é uma vasta igreja gótico-mudejar com galilé em arcos de ogiva e ferradura. Existe lá a macabra capela dos ossos. Próximo ficam o Paço de D. Manuel, de acentuado mudejarismo, e a capela ogival de S. Braz, de aspecto de fortaleza militar pelas ameias e botaréus-cubelos e que mais do que goticismo dos arcos e abóbodas se insufla da arte dos alveneis mouriscos. Santo Antão, S. Tiago e os palácios de Vimiosos e das Cinco Quinas, etc., são monumentos que se encontram ou visitam apressadamente. Évora está cheia de bons edifícios e de belos trechos arquitectónicos. De verdade, é uma cidade-museu. É um museu de arte retrospectiva. As ruas de Évora constituem outro capítulo interessante pelo seu pitoresco e estética e pelo tipismo dos camponeses que passam. A irregularidade e multiplicidade de largos, ruas e ruelas deparam-nos, par e passo, recantos sugestivos; e a casaria curiosa, os solares seiscentistas de enfiadas de sacadas, as janelas e portadas manuelinas e renascentistas, as fachadas dos templos de diferentes ciclos arquitectónicos, as graciosas fontes quinhentistas e os portais da Praça do Geraldo proporcionam múltiplas notas interessantes de estética citadina, porque a estética das cidades — não confundamos com *urbanismo* — é mais uma arte visual do que uma ciência de regras e normas fixas.

À nota etnográfica dão-na os letreiros das esquinas numa toponímia ingénua e curiosa — rua dos Infantes, das Donzelas, dos Valdevinos, do Mal-barbado... — e o trânsito de veículos e peões. Freqüentes passam os carros alentejanos de canudo e parelha — as mulas atreladas à canga por meio do burnil e da barrigueira — e pastores e ganhões com seus chapeirões, samarras e safões de pele de ovelha que vieram à cidade sem trajo de cerimónia.

Borba — Fonte século XVIII — Foto Beleza

2.º dia. — Deixa-se Évora pela porta de Alagoa e passa-se o Aqueduto de Prata, divisa-se o Convento de S. Bento de Castrís e a Cartuxa, e a vista concentra-se na paisagem vasta de plainos e avara de côres e tons, amarelecidos da terra sêca e esverdeada

das oliveiras ora em aglomerados pondo mancha ora em fitas orlando os alqueives. Não há cortes de vista, não há obstáculos a intercortar a imensidade da planície; o céu não tem nuvens, brilha o azul, a atmosfera é límpida, a luz radía, há claridade, há nitidez; e só o horizonte longínquo desce no fim onde parece que a terra e o espaço astral se jungem numa imaterialidade difusa e misteriosa.

A paisagem alentejana! Poucos a compreendem. A uniformidade, monotonia e adustez da terra do Alentejo não são um caso de desinterêsse. É questão de sensibilidade. Se os múltiplos panoramas de montes e vales luxuriantes de vegetação e policromia surpreendem e fascinam a vista, mais fundo cala a paisagem melancólica da terra árida e longa. Dá-nos a solidão do espírito. Concentra-nos. Emsimesma. Nisto está o elogio da planície.

Arraiolos é uma vilazinha branca, de casas caiadas como as de todo Alentejo, em volta do castelo. A sua fama é conhecida. Anda na memória da gente pelos seus tapetes de trama e gôsto oriental e pela *Noiva de Arraiolos* que levou quinze dias a ataviar-se e foi afinal para a boda embrulhada numa manta. É saborosa lenda e ao mesmo tempo uma sátira de humorismo e também uma parábola de moral e senso prático para uso das meninas sécias.

A paisagem não muda: os mesmos plainos. A terra é sempre adusta e as superfícies acidentam-se de leves curvas, como um mar banzeiro de quietismo e bonança. Por sua vez a estrada em frente estende-se serena e vasia. Deslizam à vontade os carros da excursão. Rareiam os viandantes; sòmente um ou outro *mantieiro* montado a cavalo, de chapeirão enterrado na cabeça e volumosos alforges ao redor da sela.

De longe a longe aparece um *monte* — a granja, a quinta alentejana. Explica-se esta denominação. É geralmente numa pequena arredondada colina que assentam as casas do lavrador e da criadagem, a adega do azeite e do vinho, as abegoarias, cavalariças, e lojas de apeirias. Há um tanto de vetusta tradição no local escolhido para quartel do trabalho alentejano. Outrora também os aglomerados das populações primitivas se estabeleciam nos altos.

Chuviscou. Não há poeiras. Passam carros com rumas de cortiça e pastores de samarra conduzindo rebanhos.

Entrámos em Estremoz pela porta de Santo André. Antes e depois do almôço visitas à Câmara, à Misericórdia, e à igreja gótica de S. Francisco com uma interessante capela Renascença e magníficos, lindos mármores, e ao castelo, de cuja tôrre de menagem se avista um admirável panorama quási sem fim.

Prosseguimos viagem. À saída da cidade um tipo mouro — face negrusca, a barba branca e basta — cavalga com destreza bom ginete. Atravessamos Borba e chegamos a Vila Viçosa.

Apeámo-nos no amplo Rossio defronte do Palácio dos Duques — vasta fachada das três ordens numa profusão de portas e janelas e numa massa grandiosa a mostrar imponência!

No interior do palácio admiram-se sobretudo duas salas: a das tapeçarias — um Aubusson e dois gobelinos — e a dos duques com retratos pinturas de Quillard nos caixotões do teto e telas de Malhôa, Condeixa e Carlos Reis. Nos quartos e ante-câmaras o principal são as recordações, os retratos, albuns, pequenas coisas e o ambiente particular, íntimo que ainda respiram. O quarto de D. Carlos é modesto. Impressiona... pela vulgaridade. As salas de armaria e a cozinha com a sua completa bateria de peças de cobre e estanho são dependência transformadas em museu. O grande quadro de Carlos Reis *D. Carlos a cavalo seguido do seu luzido estado maior* é espectaculoso mas constitue excelente pintura histórica. *A To-*

Évora — Galilé da Catedral — Foto Manfredo
Vila Viçosa — A Porta dos Nós

ÉVORA, CAPITAL DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

Arraiolos — Vista Geral

Estremoz — Característico trecho citadino; Lago da Praça General Graça

Fotos Beleza

mada de Arzila, em que aparece o IV duque D. Jaime, vale sòmente pelo assunto.

Saímos e vamos, defronte, à grandiosa igreja seiscentista dos agostinhos, panteão dos duques. É um templo sóbrio e elegante. O seiscentismo na arquitectura salva-se pela sua elegante sobriedade. Mármores menos belos do que os de Estremoz. Os túmulos assemelham-se aos dos Jerónimos e da Capela dos Castros. Cá fora vemos a Porta dos Nós em manuelino naturalista.

Deixamos Vila Viçosa e enveredamos por estradas povoadas de muros e casario. Bencatel fica próxima e de lá ao Redondo a estrada sobe e desce galgando a Serra da Vigaria, ramificação da agreste Ossa. Já não há casario a divisar-se. Apenas o terreno aqui e além mosqueado de monolitos e manchado de oliveiras. As antas e os dolmens são vulgares por estes sítios. Não faltam curvas apertadas, e perigosas descidas. Enfim achou-se a montanha. Passa-se a vila do Redondo e continua o acidentado do terreno. Frondosos eucalíptos ladeiam a estrada. São a nota a registar no regresso a Évora.

A planície voltou. A tarde declina. Anoitece. Longe, ainda longe divisam-se as luzes de Évora como estrelinhas dum firmamento que é muito baixo, se acaçapa, se desenrola quási rasteiro. Já não se lobriga o longínquo horizonte. E a quietude da terra atentejana só é perturbada pelo trepidar dos motores dos carros da excursão e pelas exclamações de contentamento dos viajantes, fartos da longa jornada de automóvel vendo próximos Évora e o jantar. Fôra-se a poesia do passeio...

Entramos de noite na capital alentejana e duas horas depois tomámos o combóio para o Barreiro, onde nos espera o vapor da carreira.

Na calma da noite estrelada as águas do Tejo tem reflexos prateados e a escuma levantada pelo sulco do vapor fosforeja como imensidade de minúsculos fogos-fátuos... Por vezes espelha a esmeraldina côr das águas. E a alva luz lunar, propícia a encobrir mistérios, deixa destrinçar sombras, esfuminhos ao longe...

A viagem finda. E breve, passageira como a leve, volátil, deliquescente espuma das águas, que depois de cortadas pelo vapor voltam à sua quietude e silêncio, perpassa na mente a idéia desta excursão que se desfaz como sonho...

OS GRANDES VALORES TURISTICOS NACIONAIS

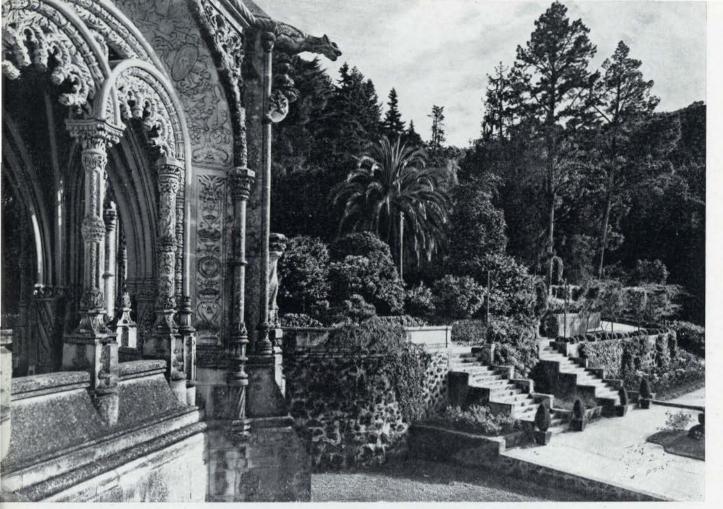
PORTUGAL, fadado desde o berço com tôdas as condições — as melhores — para o turismo, esteve muito tempo adormecido, quási indiferente às qualidades excepcionais com que a natureza o dotou.

Foi como êsses velhos fidalgos, herdeiros de grandes casas que nem sabem o que têm; que herdaram grandes riquezas, vastos domínios incultos, grandes propriedades de que nem chegam a medir o valor e a extensão e se contentam — num desleixo quási criminoso — em extrair dêles apenas os fáceis rendimentos que mal lhes chegam para viver, sem pensarem sequer nos valiosos tesouros que dormem ocultos, desconhecidos, inaproveitados no fundo de velhas arcas.

Tão grande a incúria por tudo o que os seus maiores adquiriram e conquistaram — quantas vezes a poder de épicas audácias e de inexcedíveis heroísmos — que deixam muitas vezes a sua casa para ir viver do que os outros lhes podem dar, abandonando as suas riquezas à voracidade e à cobiça dos estranhos.

Portugal, velho senhor, que levou séculos a acumular riquezas sem conta e a distribuí-las pròdigamente por mãos alheias, com a mesma facilidade com que as adquiriu, reconheceu por fim que era preciso manter dignamente a integridade da sua casa e o maior respeito pelo seu nome. Uma onda de bom senso e um salutar desejo de renovação o percorreu e dominou.

Recordou o passado; avaliou o que tinha e o que perdeu; lamentou todo o tempo que não soube aproveitar; mas verificou que a-pesar-de todos os perdulários esbanjamentos,

HOTEIS, CASINOS, RESTAURANTES...

Fotos Beleza.

passadas prodigalidades e descuidada administração, ainda possuía grandes riquezas — um rico património de que era preciso cuidar.

Verificou, reanimado de novas fôrças criadoras, que além dos extensos e ricos territórios espalhados por êsse mundo fora, onde êle exerce a sua secular soberania, possuía até no próprio solar onde nasceu, no seu velho torrão peninsular, grandes tesouros inexplorados.

E então no velho lar solarengo, entregue providencialmente a uma nova administração, tudo se removeu e melhorou; um espírito esclarecido, renovador e poderoso dominou em tôda a casa e novas seivas estimulantes vieram contagiar todos os membros da família.

Era preciso primeiro apurar os valores aproveitaveis, acertar as contas, pôr tudo em ordem, para depois se cuidar do aspecto exterior e a seguir do arranjo das salas, para dignamente se poder receber a visita dos vizinhos e dos estranhos que a quisessem honrar com a sua presença.

Felizmente as condições naturais eram as melhores para atrair as atenções e a admiração de todos.

Aproveitar essas condições privilegiadas e completá-las para que êste grande entreposto, êste natural cruzamento dos mais freqüentados caminhos do Mundo — terrestres, aéreos e marítimos — seja dotado com todos os modernos requisitos da civilização e do confôrto que um país de grande futuro turístico deve ter, é a tarefa que está em curso, em que é preciso prosseguir, que é necessário intensificar em todos os sentidos e por tôdas as formas, fazendo a melhor propaganda, dando exemplos, aproveitando alvitres, estimulando, orientando, criando boas vontades, dedicações, trazendo sempre novos soldados para a grande e utilíssima campanha do turismo nacional.

Neste propósito iniciamos a propaganda de tudo o que em Portugal já pode servir de norma e de exemplo a outras iniciativas que é necessário provocar e fazer surgir para a valorização geral do país.

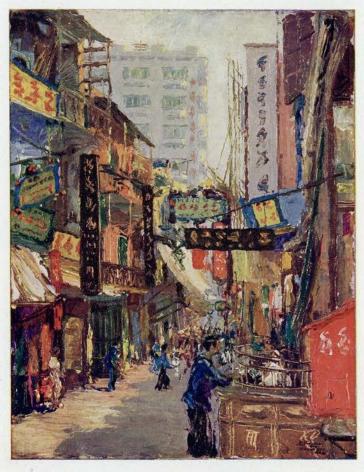
AUGUSTO CUNHA

BUSSACO. Na densa mata do Bussaco, maravilhoso massiço de verdura, onde não falta nenhuma espécie vegetal, ergue-se um Hotel Monumental com todos os requisitos do confôrto moderno onde o bom gôsto, as óptimas instalações e o serviço impecável formam um conjunto digno de figurar em qualquer dos países em que a civilização atingiu mais elevado grau.

O Bussaco pode apresentar-se como um dos melhores cartazes do turismo nacional.

MACAU

Jóia das Terras do Oriente

pelo Comandante Jayme do Inso

Macau — *Óleo de Fausto Sampaio*

MACAU — *a cidade Santa, a Jóia das Terras do Oriente* é um mimo de païsagem e um mimo de tradição. Ali se abriga um pedaço da China milenária, imbuído da alma prodigiosa da gente de Portugal, que desde séculos criou fundas raízes de simpatia entre os filhos do ex-celeste Império. O Oriente é, por excelência, a terra dos imponderáveis, e daquele contacto, único na história dos europeus no Extremo-Oriente, das psicologias opostas, como são as das duas civilizações, a ocidental e a chinesa, resultaram também aspectos únicos no campo material, como são aqueles que nos oferece Macau, diferentes de tudo quanto a expansão europeia criou em terras de Catai.

Macau, com as suas ruas e calçadas tão tìpicamente portuguesas, como se não vê em mais colónia alguma do Oriente; com as suas casinhas de côres garridas, como num cenário, espalhadas pelos montes; com as suas vielas e becos nos velhos bairros e edifícios modernos nas novas avenidas, os seus miradoiros, as suas ruínas, muralhas e templos com os sinos a dobrar, aparece-nos como um presépio encantador, em dias de primavera, evocando a maior saüdade de Portugal!

Macau, com seu bairro china ou Bazar, onde fervilha o formigueiro chinês, num vai-vém constante, por entre os *Cou-laus* ou restaurantes, as cozinhas ambulantes, os *gerinshás* e as notas garridas das *Pi-pá-chai;* com os seus inúmeros Pagodes, onde, na sombra, se divisa Buda por entre as volutas do sândalo queimado; Macau, onde se respira a atmosfera calma e perturbante da China que nos atrai e embriaga, que se detesta e se repele,

só para mais nos cingir e dominar, Macau é, ainda, um símbolo do encantamento da China que, quanto mais nos martiriza, mais nos prende e lhe faz querer.

Macau, janela aberta sôbre a vastidão infinda da Terra Amarela, é um oasis de placidez, estação de repouso inegualável, preciosa e bela, jóia lusitana encastoada nas longínquas costas da China, onde tantos estrangeiros iam respirar uma atmosfera de estranha quietitude no meio da vertiginosa vida do Oriente, naquela mística embaladora que lhe empresta a pátina do tempo, numa evocação nostálgica das aventuras doutras eras.

Mas não é uma cidade morta, longe disso!

Tanto em terra como no mar, tem uma vida própria, inconfundível, e conhecemos-lhe dias duma palpitação febril e feliz, tanto entre a multidão chinesa como na comunidade europeia.

O europeu, assim que chega — ou chegava — ao Oriente, como que sobe, domina, sente-se mais alguém, abrem-se-lhe novos horizontes e, em contrapartida, quando regressa ou regressava ao Ocidente, volta ao nível anterior, numa descida tão brusca e desastrada, que não era raro sentir-se ferido...

Era assim a vida na China, fácil, faustuosa, servindo-nos vários criados, como o meio impõe, decorrendo num turbilhão constante em que um ano vale por três, durante os quais, numa vida intensa, tôdas as agruras que a China nos reserva, e não só a China como os europeus que lá vivem, como que se esbatem e apagam num sonho de sêdas, num mistério opiante...

*
* *

Mas, voltemos à paisagem de Macau, recordemos um pouco.

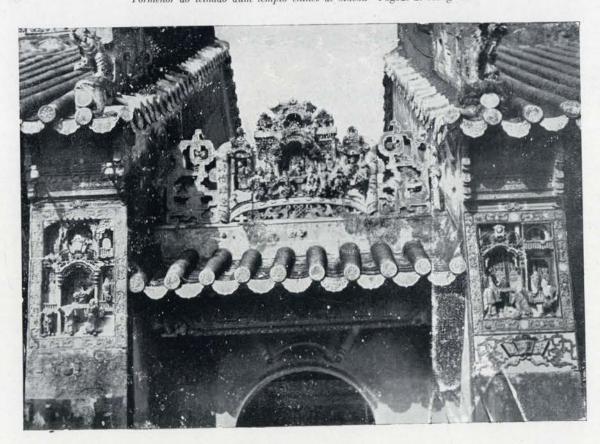
A Avenida Almeida Ribeiro, o coração da cidade, regorgita de gente, naquele cenário típico das casas cobrindo os passeios, com arcadas, as paredes revestidas de taboletas, bandeiras e lanternas, ostentando tudo aquela ornamentação tão característica e caprichosa dos extravagantes caracteres chineses, tão decorativos como enigmáticos.

Dir-se-ia uma amostra da colmeia da China imensa, asfixiante, onde a custo se divisa um europeu ou eurasiano, como os ingleses chamam aos descendentes de europeus com sangue asiático.

Pululam os *ric-shós*, passam chinas carregando cestos pendentes de bambus, açodados; chineses de calças e cabaia, outras já envergando as nossas sáias, acotovelam-se nos passeios, enquanto o moço A-tai, o nosso *chauffeur* habitual, aparece, calmo e cuidadoso, conduzindo o carro, e vamos encetar o passeio que nunca cança, tão variados e típicos são os panoramas da minúscula e encantadora Macau.

Já corremos pelo Patane, bairro excêntrico e marítimo, ao fundo do Pôrto Interior, para contornar os novos atêrros e o antigo Campo de Corridas, subúrbuios, por assim dizer, se tal nome se pode aplicar a Macau, e ei-nos na região paradisíaca do Jardim da Flora, pelas estradas assombreadas que vão à Montanha Russa, até começarmos a ascenção da Guia, onde a cada volta da encosta a vista se deleita num variar incessante da paisagem que, vista uma vez, não esquece mais.

Dêste lado, é o casario polícromo de Macau que se estende até ao nível da água, com manchas de verdura, como o Jardim da Gruta de Camões emergindo por entre um xadrez de velhos telhados que fazem lembrar Alfama, ou as tôrres dispersas dos templos cristãos; do outro, é a paisagem da Rada, como que mergulhada num sonambulismo fatídico, onde as águas mortas estão salpicadas das sombras das lorchas, embarcações estranhas, típicas, de velas de esteira amarela, que se abrem como braços presos a um destino de séculos sem fim, mergulhados numa tristeza indisível, imensa, que constitui um encanto pun-

Pormenor do telhado dum templo chinês de Macau — Pagode de Mong-há

gente, um veneno, uma traição da China obsecante...

Mas eis que já se divisa, numa volta da estrada, o alto da Penha, com seu templo antigo, hoje restaurado — um monumento — onde os nossos marinheiros de antanho iam depôr suas promessas à chegada a Macau, como que tecendo um fio de religiosidade entre a barra do Tejo e as distanciadas paragens, *daquelas partes da China,* como então se chamava.

O panorama é soberbo! A nossos pés, estende-se um mapa em relêvo, rico de côres e de contrastes, em recortes caprichosos no arrendado da costa, uma paisagem preciosa e insuspeitada em Portugal.

Em cima e já perto de nós, eleva-se o primeiro farol que iluminou as costas da China — o da Guia — e vamos agora na descida vertiginosa, deixando o cemitério dos Parses, em alcandorada vertente sôbre a Rada, para penetrarmos de novo na cidade, onde, àquela hora, nos hotéis europeus e chineses, se rende o tradicional culto ao chá.

Mas não é para nenhum daqueles pontos de reünião, tão apreciados no Oriente, que nos dirigimos agora, mas sim para um recinto delicioso, discreto e bordado de verdura, fora do bulício da cidade: o Ténis dos Estrangeiros.

Tarde encantadora, quási ao pôr do Sol, o céu deslumbrante de côres, como as dos poentes orientais. A assistência cosmopolita e requintada, *toilletes* vaporosas, um serviço de chá primoroso, capaz de satisfazer a um sonho de gulosos...

Aquele entardecer tem qualquer coisa de subtil beleza e encantamento, soa-nos como uma música suave e exótica, aparece-nos como uma visão de terra de fadas, que se fixa uma vez e não mais se apaga.

— *Play!* — e a voz duma inglesa, arremeçando a bola, solta-se, em nota sonora, a chamar-nos ao nosso mundo...

*

* *

É manhã. Estamos a bordo da velha *Pátria,* filha da alma generosa dos portugueses do Brasil, no Pôrto Exterior de Macau, já com pressão nas caldeiras.

Na modorra duma neblina que envolve tudo, como visco pardacento, naquela tão característica paisagem da China que pesa como chumbo e nos embota os nervos, toca à faina, subimos à ponte e damos a ordem:

— Larga! — o navio deixa a bóia e vamos tateando pelo canal, Rada fora, rumo à ilha de Coloane, donde, em 1910, expulsámos os piratas, para ali fazermos exercícios de artilharia, segundo as ordens do Chefe.

Colocam-se as bóias, servindo de balizas, fundeam-se os alvos, inicia-se o tiro com o navio a navegar, só com intervalo para as refeições, e a atmosfera torna-se enervante, aquece, custa a respirar. É que, ao largo, há dias que anda um tufão que parece exitante, pára e avança lentamente, e mal termina a faina do dia, recebe-se um aviso de tufão dizendo que êste, quási parado, caminha agora, ràpidamente, em direcção à Colónia.

Interrompe-se o descanço, recolhe-se tudo a bordo e, ferro em cima, regressamos a Macau, desta vez ao Pôrto Interior para, com maior segurança, recebermos a indesejável v i s i t a da tempestade desvastadora.

Uma mulher chinesa — raça manchú

Pelo estreito canal que leva à Ilha Verde, onde o navio se acolhe, era como se a *Pátria* fôsse navegando pela rua marginal, tão chegada ia à terra.

Pegou-se na bóia, as amarras dobradas, máquinas prontas, e agüentámos na ponte, durante dez horas, a espantosa violência do temporal, sem que pudessemos valer a naufragos que passavam perto — tanto era o vento que nem deixava falar!

... ...

O tufão passou, sombrio e terrível, um dilúvio de água, um inferno de vento, naufrágios, mortes, desastres, um cataclismo de horrores, até que volta a bonança e se reganha a vida que estivera paralizada. O formigueiro humano recrudesce — dir-se-ia, com mais fôrça, — após estes cataclismos que periòdicamente assolam a China.

Voltam os dias de primavera, volta a sorrir a terra, volta a animar-se o mar, reaparecem as sêdas e as silhuetas das *Pi-pa-chai,* a vida espraia-se de novo naquele ondear incessante e bonançoso que é a característica da China nos intervalos das procelas.

É manhã, um sol doirado ilumina os telhados. Tocam os sinos para a missa e, na velha Fortaleza do Monte tremula, há quatro séculos, a bandeira de Portugal!

É assim Macau — *A Cidade Santa, a Jóia das Terras do Oriente!*

TURISMO

BOLETIM MENSAL DE

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

TALVEZ o leitor se recorde de já ter lido, algures, o que passamos a transcrever:

«Afirmar que esta ou aquela estância de turismo é a melhor de tôdas, parece-nos, pelo menos, arriscado. Arriscado e anti-turístico, pois tôda a gente está no seu pleno direito de considerar a melhor de tôdas, não essa, mas a que, por qualquer motivo, prefere — e que pode até, num ponto de vista genérico, ser uma das piores.

É tempo de arrepiar caminho, assentando, de uma vez por tôdas, que a melhor propaganda é a que se faz lealmente, com o mínimo de adjectivação e o máximo de objectividade. O turista não é um pacóvio ou um lunático . . . Pelo contrário: se há quem tenha o sentido das realidades e não se deixe levar por afirmações gratuitas, é êle. Antes de ir, pondera, mede os prós e os contras, e hesita cem vezes antes de se resolver em definitivo».

Estas palavras já foram, de facto, divulgadas em letra de fôrma — e por nós, abrindo um artigo acêrca das belezas e atractivos de uma praia do Norte. Preguntará o leitor, agora, por que as transcrevemos aqui. É muito simples: porque neste local já falámos, uma vez, nos «inimigos do turismo», a propósito de **FALTA DE HIGIENE** — aquela falta de higiene que faz com que muitos lugares pitorescos e aprazíveis, pelas suas condições naturais ou pela vontade dos homens, se tornem, pela incúria ou desleixo dos mesmos, hediondos e repulsivos.

Da **FALTA DE GÔSTO**, pode dizer-se que não deixámos nunca de falar, desde o primeiro número da nossa revista: procurando definir, focar ou exemplificar os elementos e caracteres que constituem, estèticamente, o seu contrário — particularmente os que se inspiram numa tradição genuìnamente portuguesa.

Ora, a propaganda exagerada, demasiado retórica, superlativa, inclui-se num outro capítulo não menos considerável e pernicioso: o da **FALTA DE SENSO.**

— ¡Esta é a melhor estância de turismo! — ¡Êste é o melhor casino! — ¡Êste, o melhor hotel do país, da província, da região ou da cidade! ¿Haverá quem acredite sem ver, sem experimentar, sem confrontar com outros que já conheça — ou que opte às cegas por qualquer dêles? — Foi tempo!... O turista, o consumidor, o cliente já não vão atrás da publicidade bombástica. Já ninguém prefere um filme por ler no anúncio que êle é «o maior êxito de todos os tempos» — até porque o público se fartou de verificar, dezenas de vezes, o lôgro em que o fizeram cair . . . Há que ter o sentido da oportunidade e das proporções, mesmo no âmbito da psicologia!

O QUE TEMOS EM ÉVORA DE MAIS CARACTERÍSTICO

PONTOS DE VISTA, PARQUES E JARDINS	INDÚSTRIAS REGIONAIS	CULINÁRIA E DOÇARIA	HOTEIS E PENSÕES	ALGUNS ENDEREÇOS ÚTEIS
Passeio Público. Jardim de Diana. Quinta dos Lóios. ★ Terraço da Sé. ★	Mobiliário regional. Trabalhos em chifre, cortiça e madeira. ★ Tapetes ★	Sopa de coentros. Sopa seca ou fervida à alentejana. Bacalhau assado. Ensopado de cabrito. Lombo de porco assado à alentejana. Açorda de presunto e chouriço à alentejana. Gaspacho. ★ Bôlo real. Bôlo do Paraíso. Bôlo Joana. Bôlo podre. Pão de rala. Queijinhos do céu. Manjar branco. Porquinhos de chocolate com recheio.	Hotel Alentejano. Telef.: Évora 236. Diárias de 35$00 a 70$00. ★ Pensão-Restaurante «O Eborense». Telef.: Évora 31. Diárias de 25$00 a 45$00. Pensão-Restaurante «Carolina». Telef.: Évora 249. Diárias de 25$00 a 40$00. ★ *Restaurante:* «Girão». — Vários outros Restaurantes e Cafés.	Comissão Municipal de Turismo: na Sede da Câmara Municipal. Presidente: Sr. Honório da Costa. C. T. T.: Largo da Misericórdia. Farmácias: Rua João de Deus, 33. A. J. Leão. Rua de Serpa Pinto. — Central. Convento da Graça. — Farmácia Militar. Praça do Geraldo. — da Misericórdia. Rua da República, 30. — J. A. Oliveira. Garage: Arquimínio Caeiro-Tudauto. Rua da República, 125. Telef. 283, e outras.

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

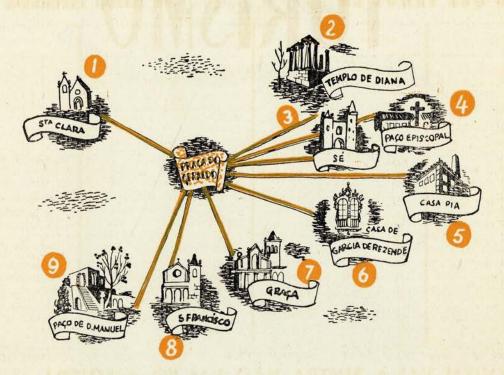
PLANTA DOS PRINCIPAIS MONUMENTOS DE ÉVORA

1
Convento fundado em 1452. Notável pela *tôrre sineira* e as aplicações de tijolo do Alentejo.

2
Único no género e uma das ruínas romanas melhor conservadas da Península.

3
Só comparável, pela grandeza e carácter, à Sé Velha de Coimbra.

4
Onde estão instalados o Govêrno Civil e a Administração do Concelho.

5
Fundada em 1551. Onde a Companhia de Jesus teve a sua célebre Universidade.

6
Ou *Paço de Selborosos*. Com três lindas janelas *manuelinas*.

7
De estilo Barroco Miguelanesco. Uma das mais curiosas igrejas do Renascimento.

8
Igreja gótica, de granito. Reconstruída nos fins do século XV.

9
Fundado por D. Duarte. Foram seus arquitectos: Martim Lourenço e, depois, os Arrudas (séc. XVI).

O QUE TEMOS EM ÉVORA DE MAIS IMPORTANTE

IGREJAS, CONVENTOS, ETC.

Convento do Calvário.
Convento do Carmo (hoje Paço Arquiepiscopal).
Convento da Cartuxa.
Convento do Espinheiro.
Convento do Salvador.
Convento de Santa Clara.
Convento de S. Bento de Castris
Ermida de S. Braz.
Igreja da Graça.
Igreja da Misericórdia.
Igreja de Santo Antão.
Igreja de S. Francisco.
Igreja de S. Vicente.
Igreja dos Lóios.
S. Mamede.
Sé.

PALÁCIOS E MONUMENTOS

Casa de Garcia de Rezende.
Casa Pia (antigo convento da Companhia de Jesus).
Casa de D. João de Aguiar, bispo de Bragança.
Casa de Cristóvão Nunes.
Casa dos Condes de Soure.
Casa dos Condes de Vimioso.
Casa do Inquisidor.
Edifício do Hospital da Misericórdia.
Palácio Cadaval (e Igreja dos Lóios).
Palácio dos Condes de Basto.
Palácio D. Henrique.
Palácio da Inquisição (actualmente «Hotel Alentejano»).
Palácio de D. Manuel (no Passeio Público).
Templo de Diana.
Universidade.

MUSEUS E BIBLIOTECAS

Museu Arqueológico.
Museu Regional.
Biblioteca Pública.

★

AS MOBÍLIAS DE ÉVORA, DE CARÁCTER INCONFUNDÍVEL, SÃO ALEGRES, PITORESCAS E DE BOM GÔSTO.

DIVERSOS

Arco de D. Izabel (Porta Romana).
Aqueduto de Sertório.
Chafariz da Porta Moura e mirante da Casa Cordovil.
Estátua de Nossa Senhora do Paraíso, em marfim — obra do século XVIII — no Tesouro da Sé.
Portal Renascença na actual Casa Pia de Évora.
Tesouro da Sé.
Tôrre de Menagem — na porta de Alconchel.
Tôrre Pentagonal (medieval)
Tôrre quadrangular (medieval)
Tôrre de Sertório

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

O QUE TEMOS EM SINTRA DE MAIOR INTERÊSSE

IGREJAS

Igreja da Pena — incorporada no edifício do Palácio da Pena — Retábulo do mestre Nicolau Chanterene, no altar-mor.

Igreja de Santa Maria — a sua fundação é atribuída a D. Afonso Henriques.

Igreja de S. Miguel — igreja gótica, hoje transformada em casa de habitação, restando apenas a capela-mor, poligonal.

Convento dos Capuchos — Pequeno convento, fundado em 1560, num ponto da Serra de onde se disfruta um panorama maravilhoso.

PALÁCIOS E CASTELOS

Paço Real de Sintra — Conjunto aglomerado de estilos arquitetónicos. Recheio muito interessante e muito rico.

Palácio da Pena — mandado edificar por D. Fernando, em tôrno dum pequeno mosteiro fundado por D. Manuel, no alto da Serra de Sintra.

Castelo dos Mouros — muralha ameada, no alto da Serra. Panorama deslumbrante do alto da Tôrre Real.

ESPECIALIDADES REGIONAIS

Queijadas.

PARQUES E QUINTAS

Parque da Pena — Um dos mais belos locais a visitar em Sintra.

Quinta de Monserrate — Sem dúvida, um dos mais belos parques no Mundo. Exuberante e variadíssima vegetação.

Quinta de S. Pedro.
Quinta do Marquês de Valada.
Quinta de D. Diniz.
Quinta do Saldanha.
Quinta da Trindade.
Quinta do Relógio.
Quinta da Regaleira.
Quinta da Penha Verde.
Quinta da Penha Longa, etc.

Nota—Excepto no Parque de Monserrate, onde a entrada é paga (para fins de beneficência), para visitar as restantes quintas, é necessária autorização dos proprietários.

PONTOS DE VISTA

Alto da Pena.
Cruz Alta.
Castelo dos Mouros.
Setiais (Palácio de).
Monte das Alvíçaras, na Penha Verde.
Peninha.

De tôdas as altitudes da Serra de Sintra se disfruta explêndido panorama.

COMUNICAÇÕES ENTRE:

Lisboa-Sintra: combóios, partindo da Estação do Rossio. Camionetes, partindo da Travessa da Glória, 28 (Companhia Sintra-Atlântico).

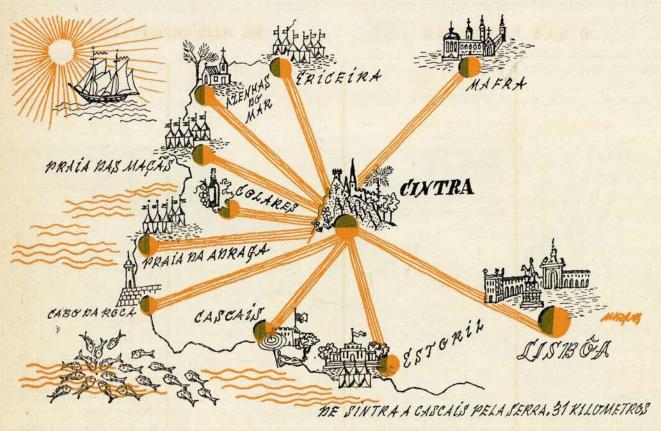
Estoril-Sintra: camionetes da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs.

QUEM VAI A SINTRA NÃO VAI SÓ A SINTRA...

ERICEIRA
MAFRA
AZENHAS DO MAR
PRAIA DAS MAÇÃS
COLARES
CINTRA
PRAIA DA ADRAGA
CABO DA ROCA
CASCAIS
ESTORIL
LISBÔA

DE SINTRA A CASCAIS PELA SERRA, 31 KILOMETROS

ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

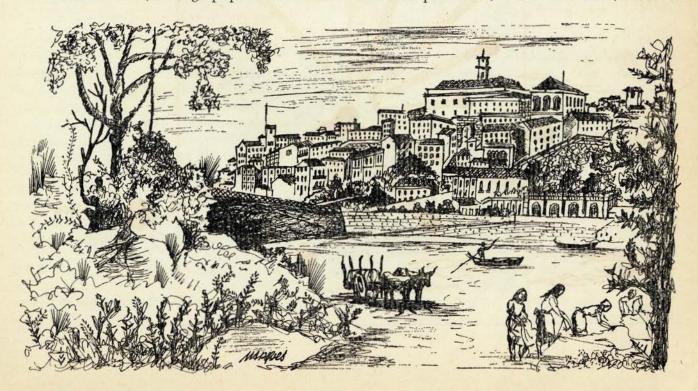
SEXTA JORNADA

CHEGADOS do Sul, pela estrada do vinho, a linha do oeste, parámos em Coimbra onde a atenção se dispersa pela vida característica, que a torna inconfundível, e a curiosidade se prende na diversidade da riqueza monumental que atesta a velha certidão de idade do burgo universitário.

É a cidade do País onde mais se tem cantado o vinho e as suas virtudes miríficas — a terra em que maior número de poetas teceu louvores à vinha, mãe abençoada da uva. «Quanto à bebida — recomenda-se no «Palito Métrico» — não use V. M. de outra senão de vinho... ou quartilho e meio ou três e meio de maneira que vá sempre o meio». E porque êste conselho de sábio é conscientemente seguido pelos que na Lusa-Atenas vão buscar a licenciatura à velha e prestigiosa Universidade, — que o atilado rei D. Diniz criou em 1290 com a designação de Escolas Gerais — o vinho tem largos cultores e os seus poetas. João Penha, como poucos, dedicou-lhe versos que, se não existissem já os de Horácio a imortalizá-lo, levariam a sua fama respeitável à consideração das gentes.

«O vinho é o Sol, é o fogo palpitante...» exclama António Correia de Oliveira — e com êle, no Penedo da Saüdade ou no da Meditação, eternamente, o estudante coimbrão tangerá a guitarra em seu louvor.

O número de tabernas, botequins — teve nomeada na academia o Botequim da Delfina — casas de pasto e restaurantes, atestam a importância que a boa mesa teve sempre na clássica terra dos doutores. Com razão: ao lado da mais variada doçaria conventual (os «peitos de freira», o «toucinho do céu», «manjar celeste», «papos de anjo», «sonhos de freira», «pastéis de Santa Clara»), uma culinária laica de rico paladar e suculenta sustância (a lampreia à moda de Coimbra deve nêle ter lugar de primazia que emparceira com carne estufada) prova-nos a grande verdade de que, para filosofar, devemos começar por comer. O têrmo fornecerá um «tinto» perfeito, e a Bairrada, a preciosa adega do centro do País, dará vinhos adequados às iguarias de nomeada e que pelo seu nervo, flavor, corpo sólido e espírito, ficarão sempre bem numa mesa posta na «cidade da luz». Nêles avultam os espumantes.

Para quem não dispuser de muito tempo, prefira uma volta pela «Alta», com as suas ladeiras, vielas tor-

tuosas, escadinhas, umbrais medievos... deixe a «Baixa» preguiçar languidamente à beira do Mondego — Munda como lhe chamaram os romanos — e, começando pelo Arco de Almedina, com o seu escudo de armas e porta barbacã, passe-se pela Igreja de S. Tiago, legada pelo século XII, sobranceira à Misericórdia e cêrca da Igreja de S. Bartolomeu: páre-se em veneração no Mosteiro de Santa Cruz onde repousam os ossos respeitáveis do rei fundador e de seu filho D. Sancho I. Siga-se para a Universidade, donde se descerá à Sé Velha, o mais belo monumento românico que existe em Portugal. Depois, pelo Quebra Costas, passa-se pelo Paço de Sub-Ripas, construído sôbre um pano das antigas muralhas da cidade; o «manuelino» que o ornamenta dá-nos a época da sua fundação.

Mas não se deixe Coimbra sem um minuto de recolhimento diante da Tôrre de Anto, que albergou o divino poeta do «Só».

Rumo ao Pôrto (que dista 120 quilómetros) tome-se a estrada internacional e, pouco depois, atravessando a linha ferrea, corta-se a Mealhada. À esquerda, um comprido armazém estende-se, paralelo à estrada: ali se guardam alguns milhares de pipas de vinho da rica região. É um monumento utilitário, de recente construção, que testemunha a importância vinícola da zona circundante, pujante de seiva e de edénico panorama. A estrada é fácil e o horizonte atraente. Mais adiante, Anadia marca o centro da curiosa mancha vinícola que estamos atravessando.

Para poente, aninhada entre arvoredo acolhedor e fresco, a Curia desempenha-se do seu papel de estância de repouso — e, em boa instalação, poderá tomar-se contacto mais chegado com as especialidades enológicas da Bairrada e o famoso leitão, assado no espêto depois de lavado com vinho, alho e sal. Dourado, de carne branca e tenra, a pele tostada, macia e quebradiça (porque a cozinheira sabedora o trouxe quente ao brusco contacto do ar frio) êste célebre leitão merece a companhia solene do espumante da Bairrada. Sêco, leve, gazoso, especialmente digestivo, é o maravilhoso parceiro dum repasto suculento.

Anadia oferecerá à curiosidade do viageiro as suas «caves», donde saem para a América muitas caixas de garrafas que no mercado de Além-Atlântico têm já os seus clientes dedicados.

Dêste ponto, entra-se numa zona intermediária que denuncia a aproximação do país do Vinho Verde. Em Águeda encontram-se exemplares enológicos especialmente curiosos por êsse motivo. Dir-se-ia que a natureza vai, assim, preparando o gôsto do viajante que se encaminha para o Norte e, após si, deixou o vinho maduro.

O aspecto da vinha — que em boa sociedade vai vivendo com o milho — difere do que a nossa retina traz dos vinhedos da Estremadura, de cêpa baixa, galgando encostas e cobrindo cabeços. Em latadas, limita de preferência as veigas fertilíssimas a que o Vouga, correndo manso aos pés de Águeda, fornece seiva fecundante.

Encontramo-nos, assim, em presença dum caso muito curioso de consociação de culturas, que dá à região uma feição característica e ares de abastança não falhos de pitoresco.

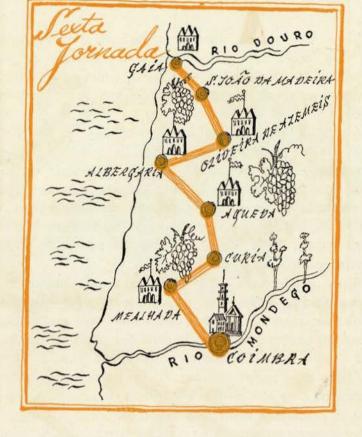
Largámos, atrás, uma tal condensação de evocação histórica na acumulação dos monumentos e traços invocadores do passado que, saídos da cidade de Coimbra, o calmo bucolismo ridente dos campos, que agora cruzamos, todos entregues a uma hossana à natureza criadora, repousa e deleita num abandôno distraído e confortável.

Águeda, cuja fundação remonta aos tempos de Roma, com indústria de cerâmica interessante: um púcaro e um gomil, de seu fabrico, poderão dar recordação mais viva quando se servirem, depois, os seus vinhos.

Seguindo a mesma estrada, bem lançada, segura, de boa vista, chega-se a Oliveira de Azemeis, onde se sente o afã operoso dum meio industrial, mas que não matou o ambiente rústico recortado pelo verde tenro da vinha em latadas.

O Santuário de Nossa Senhora de La Salette, com a sua lenda, atrai todos os anos, pelas festas, movimentadas romarias.

Prosseguindo a rota, atravessa-se, mais além, S. João da Madeira — a terra dos chapéus — e alcança-se Vila Nova de Gaia, frente à cidade do Pôrto, que do Douro se ergue em presépio.

Desenhos de Bernardo Marques

ANTÓNIO BATALHA REIS

O FIM DE SEMANA

Necessidade Higiénica da Vida Moderna

A loucura trepidante, a azáfama febril, a excitação permanente em que todos hoje se consomem na agitação da vida moderna, na vertigem dos afazeres e dos negócios que se sucedem e entrechocam com a rapidez dos filmes, são a causa principal da enorme depressão que se nota nas modernas gerações.

A própria possibilidade de rápidas deslocações, os diversos meios com que o progresso veio facilitar a marcha dos negócios, a extraordinária facilidade das comunicações que permite no mesmo dia e quási ao mesmo tempo tratar dos mais diversos assuntos nos mais distantes lugares, dá num mês desgaste físico igual ao que no século passado podia produzir um ano da mais agitada das existências.

As próprias facilidades que a ciência pôs ao serviço do dia a dia civilizado são outras tantas causas de excitação em que os nervos se gastam, se queimam, se consomem, numa permanente vibração.

Nos grandes centros onde a luta pela vida é mais intensa, mais necessária se torna uma pausa periódica de repouso, como defesa, como válvula de segurança dos nervos esgotados pela hiper-excitação diária, como calmante capaz de retemperar as fôrças perdidas na campanha cada vez mais árdua da existência.

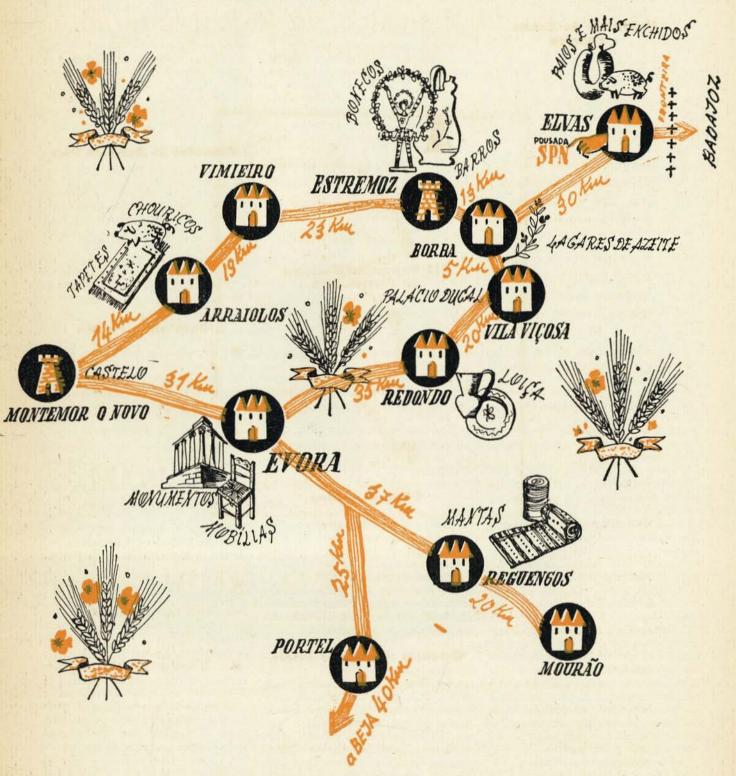
Assim compreenderam já todos os países onde a civilização atingiu mais elevado grau; de tôdas as grandes cidades, no fim de cada semana, o êxodo é quási completo; as estradas e as vias férreas enchem-se de uma multidão ávida de ar livre que lhe tonifique os pulmões e retempere as fôrças.

Todos os meios de transporte se utilizam, numa ânsia de evasão dos grandes centros, onde as populações se aglomeram e comprimem na luta diária, feita quási sempre em condições que intoxicam, que debilitam, e pouco a pouco vão consumindo as energias e as vidas.

É preciso que entre nós se intensifique também cada vez mais êsse moderno hábito retemperador e salutar, passando no campo, à beira-mar ou na montanha, algumas horas de ar livre, de vida higiénica, tonificante, que nos recomponha para continuar a luta.

Por isso **PANORAMA** inicia esta campanha, mostrando-lhe as vantagens, fazendo a propaganda do fim-de-semana higiénico, acessível a tôdas as classes e para tôdas as posses, dando exemplos de percursos, de roteiros, das possibilidades que todos podem ter — ainda os menos abastados — de lançar mão dessa defesa necessária e útil.

Em cada um dos roteiros ou percursos serão apontados os melhores e mais económicos meios de transporte, os hotéis, pousadas ou restaurantes que em cada caso melhor e por mais acessíveis preços podem utilizar-se e, em suma, as mais úteis indicações para um fim-de-semana fácil, agradável e salutar.

ÉVORA CAPITAL DO ALTO ALENTEJO, CENTRO TURÍSTICO DE PRIMEIRA CATEGORIA

EIS um fim-de-semana inolvidável! — Mais ainda se a noite de sábado for de luar. Então, os edifícios de Évora — da Idade Média e do Renascimento — e os inúmeros vestígios da civilização árabe — arcadas, terraços, chaminés, etc. — parecem de sonho! No domingo, há tempo para visitar os principais e apreciar, de passagem, os admiráveis arredores da cidade. Experimente e verá que maravilha!

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Mobiliário de Hotéis e Pensões

É notório que numerosos hotéis e pensões do País foram e continuam a ser mobilados ao acaso, obedecendo apenas às necessidades ou exigências do momento. Dá isto como resultado uma desarmonia evidente e chocante entre as várias peças que formam o recheio dos quartos, das salas de espera e de jantar — ainda que algumas vezes essas peças, consideradas isoladamente, sejam de esmerado fabrico e, até, de gôsto aceitável. Por outro lado, são raros os proprietários dêsses estabelecimentos que se preocupam com o estilo do mobiliário, respeitando a tradição ornamental da província ou da região. Erradìssimamente, supõem alguns que os forasteiros preferem instalar-se em ambientes que lhes dêem a ilusão dos hotéis internacionais ou, simplesmente, lisboetas... Daí resulta essa monotonia de contra-placados inexpressivos, anodinos e, até, desconfortáveis que super-abundam por essas cidades e vilas do País. Está-se a jantar em pleno Alentejo e é o mesmo que estivessemos numa pensão de *Gomes Freire;* vamos dormir a uma hospedaria minhota e a paìsagem interior em nada difere da de qualquer outra província. Uma tristeza!

Os hoteleiros têm, no entanto, esta desculpa: o padrão uniforme, incaracterístico do mobiliário que se encontra à venda nos armazéns e lojas da especialidade. E também é certo que os fabricantes de móveis poderão desculpar-se, dizendo que ninguém lhes sugere, estimula ou indica outros tipos mais elegantes, mais confortáveis e mais harmónicos com a paìsagem, a arte e os costumes tradicionais do país ou da região. ¿Um círculo vicioso?

O certo é que se torna indispensável e urgente a criação de vários tipos de mobiliário, que obedeçam às características apontadas. O hoteleiro que um dia tenha folheado um mostruário de móveis de bom gôsto, quando tiver necessidade de guarnecer a sua casa, preferirá, naturalmente, qualquer dêles, aos que por aí se fabricam em série, sem originalidade, sem elegância e sem confôrto.

Êste problema, como é natural, não podia ser estranho aos Serviços de Turismo. E, assim, resolveu o S. P. N. organizar, êste ano, uma Exposição-Concurso de desenhos, «maquetes» ou modelos reduzidos de salas, quartos, «bars», cozinhas (por compartimentos) e ainda de móveis isolados, destinados a hotéis, pensões, pousadas e estalagens.

A êste certame — que terá lugar nos estúdios do S. P. N., em data que oportunamente se anunciará — podem ser admitidos quaisquer artistas, decoradores, emprêsas comerciais e industriais ou particulares a quem o mesmo interesse.

Serão atribuídos três prémios pecuniários.

Em breve se tornarão públicas as quantias, bem como os nomes dos membros do juri.

As qualidades principais que êste procurará encontrar nos trabalhos apresentados, são as seguintes: bom gôsto, confôrto e economia.

III Exposição Nacional de Floricultura

A Comissão Executiva da III Exposição Nacional de Floricultura — iniciativa admirável da Câmara Municipal de Lisboa — que terá lugar na Tapada da Ajuda, de 24 a 31 de Maio próximo, abriu um concurso de cartazes de propaganda, que deviam ter por motivo a flor, sugerindo o gôsto pelo seu cultivo.

Foram, para o efeito, instituídos dois prémios: um de mil e outro de quinhentos escudos, atribuídos, respectivamente, aos artistats Carlos Rocha e Alberto Cardoso.

Pôrto de Lisboa

Prosseguem activamente as obras de acabamento da nova *Gare Marítima* de Alcântara, da qual, como é intuitivo — e já aqui acentuámos — beneficiará muitíssimo o turismo nacional.

O director do S. P. N. visitou, recentemente, o belo edifício, no qual será instalado pelos Serviços de Turismo um posto de recepção e informações.

Concurso «O Passeio Ideal»

Reüniu-se, no mês passado, o juri para a classificação dos trabalhos apresentados ao concurso «O Passeio Ideal», promovido por PANORAMA, e que era constituído, como noticiámos, pelos escritores e jornalistas: Augusto Cunha, Augusto Pinto, Castro Soromenho e Luiz Teixeira, sob a presidência do director literário desta revista.

Foi resolvido, por unanimidade, atribuir sòmente dois prémios: — um ao artigo acêrca do *Alentejo*, por Cruz Cerqueira (com o pseudónimo de *Sílvio*) que publicamos no presente número, e outro ao que se intitula *Uma volta pelo Minho,* de Carlos Vila-Lôbos Machado (com o pseudónimo de *Ad Augusta per Augusta*).

Êste trabalho — cujo autor reside no Pôrto — deverá ser publicado no nosso próximo número.

Pousadas do Norte do País

O director de S. P. N. partiu, no fim do mês passado, para o Norte do País, em viagem de inspecção às *Pousadas* de S. Martinho do Pôrto, do Serem (Vale do Vouga), da Serra da Estrêla (Penhas da Saúde) e do Marão.

O Sr. António Ferro aproveitou esta oportunidade para visitar o *Hotel da Neve* — na Covilhã — inaugurado no dia 26 de Março.

«Panorama» regista

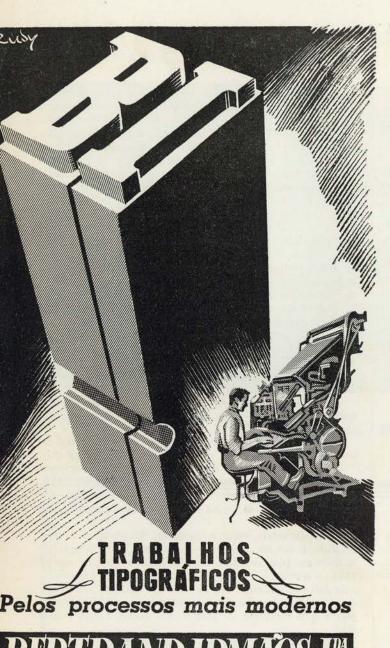
★ A qualidade e o esmerado gôsto gráfico da Revista Ibero-Americana de Arquitectura e Decoração *Nuevas Formas,* editada em Lisboa, de que é director o arquitecto Pardal Monteiro e de que saíu, há pouco, o n.º 3.

★ A notável *Exposição de Arte e Iconografia do século XVII (Retratos de Personagens Portuguesas)* organizada pela Academia Nacional de Belas Artes e aberta ao público no Palácio da Independência.

★ A notícia, recentemente publicada, de que vão ser ampliadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais as dependências do *Museu dos Coches.*

★ O interêsse e a infatigável persistência com que Diogo de Macedo e Luiz Chaves mantêm, na revista *Ocidente,* as utilíssimas secções, respectivamente intituladas: *Notas de Arte* e *Nos Domínios da Etnografia e do Folclore.*

★ A exposição de pintura de Fausto Sampaio, efectuada no mês passado na S. N. de B. A., onde mais uma vez se confirmaram as suas excepcionais qualidades de paìsagista. (Por amável deferência dêste pintor, incluímos no presente número — ilustrando o artigo sôbre Macau — a reprodução a côres de um quadro seu).

★ A publicação do n.º 8 da magnífica *Revista Municipal,* editada pela Câmara Municipal de Lisboa, que insere, como habitualmente, artigos e gravuras admiráveis.

Editorial Ática, Lda. — Capa e Fotolitografias: Litografia de Portugal. — Gravuras: Bertrand, Irmãos e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tip. E. N. P. — Rotogravuras: Neogravura, Lda.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

(Continuação)

As Feiras de Aveiro e Leiria

A-pesar das restricções de carácter económico que reduziram sensìvelmente o movimento de transportes, não deixou de notar-se grande afluência de forasteiros às tradicionais feiras que todos os anos se realizam, em Março, nas cidades de Leiria e Aveiro.

À feira dos barcos concorreu mais de uma centena de embarcações, dos vários e pitorescos tipos que se utitlizam na faina da ria. O concurso de gado bovino esteve, também, notàvelmente animado. Nas barracas armadas nas praças e largos via-se de tudo, em abundância: produtos e alfaias agrícolas, vestuário, loiças, bonecos, bugigangas... E fez-se bom negócio — dizem. Com a ajuda de Deus e a boa vontade dos homens a terra portuguesa continua isenta da tremenda miséria que a guerra desencadeou e assola grande parte dos países europeus.

Concurso de Montras

Encerraram-se, em Dezembro de 1941, os concursos de montras promovidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa, tendo sido atribuídos os seguintes prémios:

Concurso de Montras.—*Categoria A*—Prémio único: Companhia Portuguesa Rádio Marconi. Taça de prata S. P. N. (para a Casa concorrente). Esc. 2.000$00 (para os artistas decoradores, autores do projecto: Maria Keil do Amaral e E. T. P.). — *Categoria B* — 2.º prémio: José Luiz Simões — Vinhos e Licores: Esc. 1.500$00 (para a Casa concorrente); Esc. 1.500$00 (para o artista decorador, autor do projecto: João Homénio); 3.º prémio: Costa & Filho, Lda. — Loja das Meias: Esc. 1.000$00 (para a Casa concorrente). O primeiro prémio da Categoria B não foi atribuído.

Está aberto, para o corrente ano, novo concurso de montras entre os estabelecimentos comerciais de Lisboa. A Secção Técnica dos Serviços Externos do S. P. N. informa os interessados acêrca das bases do regulamento.

A Vila da Batalha

Um diário nortenho publicou, há pouco, uma entrevista com o presidente do Município desta vila, acêrca dos melhoramentos efectuados e de outros que urge efectuar, da qual transcrevemos os últimos passos:

—«Realizámos muito. Concluíu-se a fonte existente no Largo de D. João I, que abastece de águas a vila; construíu-se a estrada de ligação entre os lugares do Rio Sêco e das Torrinhas; construíram-se seis cisternas para abastecimento de águas à freguesia de S. Mamede; o edifício escolar que dispõe de quatro magníficas salas de aula; construíu-se um importante trôço de estrada, compreendido entre os lugares de Rebolaria e do Casal do Alho; criou-se novo lugar escolar, na freguesia de S. Mamede, e fizeram-se as necessárias obras de adaptação no edifício ali existente, que passou, agora, a funcionar, com dois lugares; e construíram-se várias fontes públicas, espalhadas pelas diversas povoações do concelho».

A terminar:

—«A Batalha merecia, por parte do Govêrno do Estado Novo, um carinho especial, atendendo aos escassos recursos de que dispomos e ao muito que é necessário realizar, para que a vila esteja à altura do seu maravilhoso monumento, nosso legítimo orgulho, o maior de todos os portugueses».

LAGOA AZUL

UM EXCELENTE LOCAL PARA CAMPISMO

Estendida de Norte a Sul, encontra-se a Lagoa (Prêsa da Penha Longa) no vale do mesmo nome, mais perto de Sintra do que de Cascais. Sôbre ela pouco ou nada se tem escrito. No entanto, é já muito visitada. Agradável passeio de automóvel, mas a pé não lhe fica atrás — é percurso, de Sintra, para três quartos de hora. Apanhar a estrada alcatroada até Linhó. Daqui sai, à direita, a estrada florestal, nesse ponto ladeada de casas, na esquina duma das quais uma seta e um dístico indicam: *Lagoa Azul*. Ao fim de boas dezenas de metros encontra-se a célebre quinta da Penha Longa. Em breve, para Leste, depara-se, à beira da estrada, a Lagoa. Rodeia-a densa vegetação: pinheiros e eucalíptos frondosos; as mimosas namoram a água límpida da Lagoa, vinda por fartos riachos do alto da serra. Adensam-se as sombras dos arbustos, das plantas silvestres e do copado cerrado das árvores. Por todos os lados a água murmureja nos riachos e na queda da água que transborda.

Piscina natural: dum lado, grande profundidade, barrada por forte muralha; na extremidade, um declive suave, de praia. Muita gente, saltando de entre as mimosas, tem tomado banho nas quietas águas desta Lagoa. Já o fizemos também, muitas vezes.

Os campistas instalam as barraquitas nas margens, animando-as com a sua alegria, o seu entusiasmo, a sua mocidade.

Aqui já acampámos em noite de grande trovoada, mas temos passado dias e noites agradabilíssimas, no remanço das águas paradas.

Êste recanto será, em breve — estamos disso convencidos — centro de turismo, pois não lhe faltam atractivos naturais.

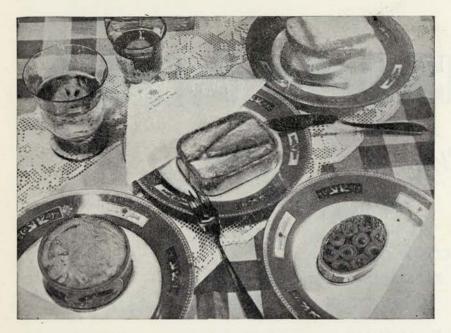
Tudo nos tenta. Além da enorme Lagoa, com a compacta e luxuriante vegetação que a margina, os montes em redor, donde se contemplam belas vistas, e defronte, a uns passos, a maravilhosa quinta da Penha Longa — local de tradições, de arte e de romarias.

Meio escondido, entre a vegetação, destaca-se, nesta propriedade, o vetusto convento — o primeiro, em Portugal, de S. Jerónimo (dos hieronimistas). Iniciaram a obra, no ano de 1355, o eremita frei Vasco Martins (ou Vasques Martins) e mais dois companheiros. Em 1400 o Papa confirma a nova Ordem e, então, é melhorada e aumentada a primitiva fábrica, para a qual concorreu D. João I com valiosa dádiva (1.600 réis).

Da reedificação, feita no século XV, pouco resta, pois D. Manuel I, D. João III, D. Sebastião, o cardial-rei D. Henrique e o infante D. Luiz mandaram executar os melhoramentos, que equivaleram quási a nova construção.

Exteriormente, vê-se a igreja, do século XVI, conservando o estilo clássico. Divisam-se bem o zimbório e a alta cimalha.

Vamos ao longo de alamedas bem alinhadas e arborizadas e, ao mesmo tempo, admiramos o que nos rodeia e se encontra tão perfeitamente enquadrado neste jardim-maravilha: — o Terreiro da Porca, com a fonte de azulejos de xadrez verde e branco; os lagos da Ilha, do Bispo, do Pinhal; Avenida dos Cedros, jardim do cardial-rei, com o tanque dos Adens (em cujas casas fronteiriças residiam, quando aqui vinham D. Henrique e D. Sebastião); a gruta das Lágrimas; as fontes de Moisés e do Monge; o jardim das Damas, onde tanta vez esteve D. Beatriz, quando «menina e moça». O *Penedo dos Ovos* — 207 metros de altitude — com gruta no sopé e, dentro dela, grande mesa de pedra rodeada de toscos bancos de cortiça. São lugares edénicos, que não mais saiem da retina de quem os observa...

CHAVES MENDES

AS DELICIOSAS CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS DESPERTAM O APETITE E ALIMENTAM

I.P.C.P